

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

SAMUEL WAINER: O JORNALISTA NA HISTÓRIA

CAROLINA OLIVEIRA DE CARVALHO

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

SAMUEL WAINER: O JORNALISTA NA HISTÓRIA

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

CAROLINA OLIVEIRA DE CARVALHO

Orientadora: Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Samuel Wainer: O Jornalista na História**, elaborada por Carolina Oliveira de Carvalho.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa
Doutora em História Social pela UFF
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Ana Paula Goulart Ribeiro
Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação -. UFRJ

Prof. Igor Sacramento
Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

CARVALHO, Carolina Oliveira de.

Samuel Wainer: O jornalista na História. Rio de Janeiro, 2014.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientadora: Marialva Carlos Barbosa

CARVALHO, Carolina Oliveira de. **Samuel Wainer: O Jornalista na História.**
Orientadora: Marialva Carlos Barbosa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em
Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho demonstra como a memória de Samuel Wainer foi construída pelo próprio jornalista, a partir de enquadramentos de esquecimento e lembranças a fim de reforçar a sua autoimagem de jornalista em tempo integral e apaixonado por sua profissão. As memórias de Samuel Wainer são selecionadas para que fique exaltada sua posição de jornalista que observou e, em alguns momentos, foi atuante na construção da história. Para contextualizar esse processo, realizamos uma pesquisa a cerca do momento da imprensa brasileira na década de 1950, destacando as principais transformações e as continuidades. Em complemento há uma narração a cerca da vida do jornalista Samuel Wainer. Destacando suas principais reportagens, sua trajetória como proprietário de um grande jornal e sua influência junto às cercanias do poder.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por estar sempre ao meu lado me ajudando a atingir meus objetivos. À minha orientadora, Profa. Marialva, que com muita dedicação e atenção me auxiliou na conclusão desta última etapa da faculdade. Aos meus pais pelo esforço que fizeram para que eu chegasse até aqui. As irmãs pelo companheirismo. E ao namorado pelo apoio incondicional.

"A imprensa no Brasil é uma fonte para a História do País, das mais importantes. Talvez não exista em outros países, ou em poucos outros países existirá uma fonte com essa riqueza. Porque em verdade ao povo brasileiro sempre faltou acesso a outras fontes de informação. Faltou-lhe escolas, bibliotecas, livrarias, livros culturais. Então, o jornal no Brasil passou a ser até instrumento de cultura, o que nos outros países está há muito tempo superado. O jornal é um instrumento de informação e orientação."

Samuel Wainer

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 O CONTEXTO HISTÓRICO DO JORNALISMO NA DÉCADA DE 1950

2.1 O mercado jornalístico carioca

2.2 As transformações da década

2.3 O jornalismo como prática profissional

2.4 A aura da profissão jornalística e a relação com o poder

3 SAMUEL WAINER: O JORNALISTA NA HISTÓRIA

3.1 Quem era Samuel Wainer?

3.2 Última Hora: a razão de viver

4 SAMUEL WAINER E A CONSTRUÇÃO DE SUA PRÓPRIA MEMÓRIA

4.1 A organização da memória: a lembrança e o esquecimento

4.2 Memória Enquadrada

5 CONCLUSÃO

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7 ANEXOS

1- Introdução

O objetivo desse trabalho é mostrar como a construção da memória presente no discurso de Samuel Wainer, o coloca, através da profissão de jornalista, em uma posição privilegiada de observador da história. Construindo sua profissão e o seu jornal destacando a mítica renovadora e revolucionária de *Última Hora* para a imprensa brasileira, Wainer apresenta sua trajetória como reflexo da dedicação e da paixão pelo jornalismo.

Vários autores têm se debruçado sobre as questões relativas à memória. A partir de diferentes formas de reflexão, muitos teóricos tem buscado estudar a influência das memórias individuais e coletivas na construção de identidades formadas tanto no plano pessoal, como em grupos, associações, empresas, regiões, estados ou países.

Esses teóricos, segundo Barbosa (2006), procuram se contrapor aos estudiosos da chamada pós-modernidade que enfatizam a perda da memória e da referencialidade histórica como marca dos dias atuais. Para os pós-modernos, a mídia e sua lógica de aceleração das transformações tecnológicas, ao ocupar um papel central e de referência nas sociedades contemporâneas, contribuiria para o enfraquecimento da consciência histórica.

Em contrapartida, os defensores da dilatação do campo memorável acreditam que a aceleração dos tempos modernos leva a uma sensação de que nada pode ser destruído, perdido ou esquecido. As novas tecnologias de informação e comunicação reforçam e possibilitam o desejo de arquivamento e armazenamento de tudo.

Barbosa (2006) cita Pierre Nora (1984) relacionando a obsessão pelo desejo de memória e arquivamento com a aceleração da história. Segundo a autora, com o presente se tornando cada vez mais volátil, o homem perderia suas características mais particulares, daí a necessidade de se criar "santuários de memória".

Documentários de cinema e televisão acerca de momentos históricos ou personalidades marcantes, biografias e narrativas sobre determinados momentos da história, revitalização de tradicionais espaços urbanos e valorização de locais de memória, multiplicação de comemorações em datas específicas, criação de pequenos museus que contam a trajetória de certas empresas e associações preocupadas com o não esquecimento de alguns momentos da história são alguns exemplos do que Andreas

Huyssen (2000) citado em Barbosa (2006) define como cultura da memória. Reforçando a tese de que, na atualidade não só há espaço para a memória, mas também para a sua valorização. Observa-se, então, um *boom* memorialístico marcado pela necessidade de rememorar.

Diante dessa efervescência de memória, torna-se válido repensar a forma como Samuel Wainer - um jornalista que atingiu seu auge profissional durante uma década repleta de importantes momentos históricos tanto na política como na imprensa brasileira - construiu para si uma memória que o coloca como espectador e, em alguns momentos, personagem atuante na construção da história. O discurso memorialístico de Wainer o legitima como alguém que como define Bourdieu (1989) possui capital simbólico suficiente para retratar uma época.

A metodologia utilizada no trabalho fará da pesquisa bibliográfica em livros e artigos o caminho necessário para embasar os argumentos acerca das transformações ocorridas na forma de se pensar e fazer o jornalismo na década de 1950. Para reconstrução dos atos memoráveis de Samuel Wainer serão utilizados alguns livros no qual a referência ao discurso produzido pelo criador da *Última Hora* é central e que estão listados nas referências bibliográficas do trabalho. Utilizamos também outras obras de ex-funcionários e críticos do jornal *Última Hora* para recuperar algumas trajetórias singulares daquele período histórico.

O objetivo do primeiro capítulo é caracterizar o momento da imprensa brasileira da década de 1950, identificando a forma como era feito o jornalismo até então, para, assim, perceber quais foram as principais modificações no fazer jornalístico. Para isso teremos como referências centrais o livro **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos Anos 50** (2007) de Ana Paula Goulart Ribeiro e **História Cultural da Imprensa: Brasil - 1900-2000** (2007) de Marialva Barbosa.

Primeiramente será feito um panorama do mercado jornalístico carioca na década de 1950. A escolha do então Distrito Federal se deu por conta de sua importância cultural e social naquele momento, já que o Rio de Janeiro abrigava os principais jornais e instituições políticas e culturais do país. Assim como fez Ribeiro (2007) serão apresentadas as principais características dos jornais que passaram pela história como os principais reformadores: *Diário Carioca*, *Tribuna da Imprensa*, *Jornal do Brasil* e *Última Hora*.

Em um segundo momento serão abordadas as transformações ocorridas no período, e o entendimento de que muitas das inovações são reflexo de um processo de continuidade e não algo que aconteceu repentinamente. As mudanças nas práticas profissionais, na forma de constituir o saber jornalístico, as organizações de classe e a formação de uma deontologia da profissão contribuíram para que se formasse uma identidade jornalística que com o passar dos anos se consolidou, perdurando no imaginário sobre o jornalismo.

Ainda no primeiro capítulo será abordada, mais especificamente, a forma como a década de 1950 foi importante para as mudanças nas práticas profissionais do jornalismo. Assim como a construção da identidade é um processo contínuo, essas transformações se iniciaram ainda na década de 1930 com a criação do registro profissional perdurando por algumas décadas posteriores. O principal ponto a ser ressaltado trata-se da passagem de uma visão de jornalismo apenas como impulso para a carreira política ou literária para sua profissionalização. Foi durante a década de 1950 que o jornalismo começa a se tornar independente como uma carreira profissional legítima, se distanciando, ao poucos, da literatura e da política.

Dois foram os principais fatores que propiciaram a profissionalização do jornalismo, elevando o nível cultural e financeiro dos profissionais da área. As pressões realizadas pelos sindicatos conseguindo firmar acordos com alguns empregadores foi um deles. O segundo foi a elevação dos salários realizada por Samuel Wainer, em seu vespertino *Última Hora*, feita com objetivo de trazer os melhores jornalistas para o jornal e, como consequência, fazendo com que os outros donos de jornais, para não perderem na concorrência, também valorizassem melhor seus empregados.

A última parte do primeiro capítulo trata da aura presente na profissão jornalística resultado das íntimas relações que os jornalistas da época cultivavam com as cercanias do poder. Havia um mercado de influências e favorecimentos que fazia com que os jornalistas fossem detentores de certo poder simbólico, pois em suas mãos estava a capacidade de difundir a informação. A *Última Hora* é o exemplo mais emblemático destas relações, já que o jornal foi criado com a finalidade de quebrar o bloqueio que a maior parte da imprensa fazia em relação aos assuntos relacionados a Getúlio Vargas.

O segundo capítulo trata da biografia de Samuel Wainer, quem ele foi, suas principais reportagens e feitos, seu relacionamento com os presidentes Getúlio Vargas,

Juscelino Kubitscheck e João Goulart, seu livre trânsito nas cercanias do poder e a forma apaixonada como durante a sua vida colocou o jornalismo sempre em primeiro lugar. O capítulo teve como autores de referência Joëlle Rouchou, com seu livro **Samuel: duas vozes de Wainer** (2004) e próprio Samuel Wainer com sua autobiografia **Minha razão de viver** (1988).

Serão relatadas histórias de Samuel Wainer a cerca da cobertura do Tribunal de Nuremberg, a criação do Estado de Israel, as importantes matérias realizadas durante sua passagem pela revista *Diretrizes*, além da mais importante reportagem realizada pelo jornalista: a entrevista com Getúlio Vargas, que o recolocou na cena política brasileira como candidato à presidência.

A segunda parte do segundo capítulo relata mais especificamente as histórias relativas à *Última Hora*. Seu objetivo central e as influências que Getúlio Vargas exercia no jornal, os momentos de glória e as altas tiragens, mas também os momentos de crise como a CPI *Última Hora* instaurada após a campanha sem tréguas movida pelo dono da *Tribuna da Imprensa*, Carlos Lacerda. Será abordada também a forma como o jornal de Samuel Wainer produziu algumas das mais importantes transformações na imprensa dos anos 1950.

O terceiro capítulo procurará cruzar referenciais teóricos a cerca da construção e manutenção da memória com o próprio discurso de Samuel Wainer sobre si mesmo. A partir das teorias de Paul Ricoeur presentes em **A memória, a história, o esquecimento** (2007) e de Michael Pollack em artigos como **Memória, esquecimento, silêncio** (1989) e **Memória e Identidade Social** (1992), procurar-se-á perceber nas falas de Samuel Wainer como sua memória foi construída sob o desejo de se colocar na história através da profissão de jornalista.

As falas de Samuel Wainer utilizadas foram retiradas de seu livro de memórias, da transcrição das fitas de material bruto que geraram a autobiografia utilizada por Rouchou (2004), além de entrevistas concedidas à *Folha de São Paulo* e ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC). Assim, a partir de um processo seletivo de escolha de algumas lembranças e do esquecimento de outros momentos o jornalista construiu para si uma identidade de um jornalista em tempo integral que se valeu de sua profissão para observar a história que estava sendo construída diante de seus olhos.

A segunda parte do terceiro capítulo procura correlacionar a questão do enquadramento de memória de Pollack (1989) às falas de Wainer. A produção de memória de forma arbitrária, com limites e justificativas, faz dos relatos do jornalista mecanismo para salvaguardar um passado idealizado e reforçar uma identidade imaginada.

Samuel Wainer revela, por fim, o seu desejo de se manter na história através de seu discurso sobre *Última Hora* e sobre sua própria carreira profissional. O jornalista torna-se o principal propagador dessas imagens preferenciais, adaptando seu próprio passado, assim como a história de seu vespertino e os vinculando à imagem que forjou para si mesmo e para seu jornal.

2- O contexto histórico do jornalismo na década de 1950¹

A década de 1950 ficou marcada na história da imprensa brasileira como um período de profundas transformações na forma de se fazer jornalismo. O modelo francês foi paulatinamente substituído pela busca da objetividade pregada pelo modelo norte-americano, e essa modernização acarretou em uma mudança na estrutura dos jornais tanto na parte editorial e redacional com também na lógica empresarial e administrativa.

Todo esse processo levou a valorização dos jornalistas e a autonomização da esfera jornalística, desvinculando sua tradicional relação com a política e a literatura. Essa autonomia contribuiu para a construção de uma determinada identidade jornalística, conforme ainda veremos no decorrer desse trabalho. Contudo, é importante destacar que essas reformas foram impulsionadas por fatores de diversas ordens como: a conjuntura político-econômica favorável do país, a implantação de uma nova lógica capitalista de otimização do tempo iniciada nos países desenvolvidos e a necessidade, devido a essa nova lógica, da introdução dos jornais na indústria cultural.

Além dessas questões ainda é necessário destacar que muitas dessas rupturas não representaram uma radical transformação com o modelo até então vigente. Muitas medidas, caracterizadas com o rótulo de inovação, já vinham sendo, de maneira moderada, praticadas por alguns jornais. Outros aspectos, que aparentemente não se enquadravam nos novos moldes, permaneceram dentro das estruturas editoriais e redacionais desses periódicos, como explica Ribeiro:

A reforma do jornalismo, entretanto, apesar de ancorada em mudanças que já vinham se processando há décadas, não ocorreu de uma forma espontânea. Foi resultado da ação intencional de alguns homens e empresas, imbuídos de uma visão modernizadora ou impulsionados pela nova conjuntura econômica. A reforma, além disso, apesar de provocar profundas transformações na forma de se fazer e de se pensar o jornalismo, não alterou algumas de suas práticas e expedientes. (RIBEIRO, 2007, p.343)

Ainda que seja necessário enfatizar essas ressalvas, na década de 1950 de fato ocorreu uma renovação no modelo de produção da imprensa. Mas há que se considerar também que em torno das transformações se construiu uma espécie de mítica do período que se perpetua até os dias atuais. Embora essa mítica não exclua a efetiva realização das reformas, ou seja, implantam-se diversos processos de modernização, construiu-se

¹ As reflexões sobre o contexto jornalístico da década de 1950, neste trabalho, foram, sobretudo, baseadas no livro *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50* de Ana Paula Goulart Ribeiro (2007).

no futuro esse momento como repleto de diversas significações. Segundo Barbosa (2007a), dentro do discurso dos próprios homens da imprensa esse período é tratado como o momento mais singular de suas trajetórias. Tornando-se especial para a história do jornalismo, ocupando lugar marcante por representar uma nova fase na imprensa brasileira.

O jornal Última Hora, criado em 12 de junho de 1951 pelo jornalista Samuel Wainer ocupa ainda hoje um papel destacado pelo caráter inovador e progressista de Samuel Wainer e de seus companheiros de jornal. A partir do lançamento da Última Hora, a imprensa criada no Rio de Janeiro e no Brasil deixou de ser a mesma: antiquada, viciada e com teor reacionário muito forte.²

A fala de Maurício Azedo, em discurso no dia 15 de julho de 2011 na Associação Brasileira de Imprensa, mostra como a *Última Hora*, que foi um dos jornais pioneiros nas reformas da década, ainda anos depois provocava sentimentos inflamados reforçando a aura revolucionária do periódico.

Antes de pontuar as transformações ocorridas na década de 1950 faz-se necessário estabelecer um panorama do mercado jornalístico do período. Este cenário se concentra nos principais diários da época, reforçando a importância desses jornais nesse contexto. Toda essa construção, como pensou Ribeiro (2007), visa demonstrar que, apesar das intensas transformações, esses diários não deixaram de ser políticos, apenas modificaram sua forma de atuar nessa esfera. E que a junção das condições econômicas, políticas e culturais permitiram a transferência de um jornalismo literário-político para uma nova fase industrial e informativa.

Assim como fez Ribeiro (2007), o olhar deste trabalho será direcionado para o Rio de Janeiro, que na época era a capital do país e centro de efervescência política e de imprensa. Os mais importantes jornais estavam no então Distrito Federal, que concentravam as mais importantes instituições literárias e culturais do país. "A cidade era um centro de atração para escritores, artistas e intelectuais de todas as regiões. Era também a mais alfabetizada." (RIBEIRO, 2007, p.50)

2.1. O mercado jornalístico carioca

No início da década de 1950 circulavam no Rio de Janeiro 18 jornais diários, sendo 13 matutinos e 5 vespertinos, com uma tiragem global de 1.245.335

² Disponível em link: <http://www.abi.org.br/abi-celebra-o-jornal-ultima-hora/>. Acesso em 13 de Janeiro de 2013.

exemplares. Em todo o Brasil existem 230 jornais diários, com uma tiragem global de 5.750.000 exemplares. (BARBOSA, 2007a, p.154)

Os jornais eram divididos em matutinos e vespertinos, os primeiros circulavam nas primeiras horas do dia e tinham, em geral, mais páginas. Segundo Ribeiro (2007), eram profundos no trato da notícia e mais sérios e analíticos. Enquanto os vespertinos, que chegavam às bancas por volta de onze horas, eram mais sensacionalistas e recheados de grandes manchetes. Em sua maioria, opinavam menos e tinham preferência por assuntos locais em detrimento dos temas internacionais. Aos domingos, os vespertinos não circulavam aumentando a tiragem dos matutinos. Na segunda-feira o processo era inverso. (Ver anexo I)

Devido a grande quantidade de diários - por exemplo, no Rio de Janeiro em 1953 eram 29 e em 1954 eram 26 - as tiragens eram pequenas. Segundo Ribeiro (2007), uma tiragem de 100 mil exemplares era considerada grande no Rio. Atingir essa cifra era mais comum apenas aos domingos, por alguns matutinos, e as segundas-feiras, por alguns vespertinos. Nenhum jornal tinha circulação nacional, apenas algumas revistas conseguiam alcançar todo o país, como *O Cruzeiro e Manchete*. A baixa alfabetização e as dificuldades de transporte em um país de extensão continental são algumas das razões que podem ser apontadas para inexistência de um jornalismo nacional.

No Rio, entre os matutinos, os jornais de maior tiragem eram o *Correio da Manhã*, *O Jornal*, o *Diário de Notícias* e os populares *O Dia* e a *Luta Democrática*. Entre os vespertinos, se destacam *O Globo* e a *Última Hora*. Frete à concorrência desse último, jornais tradicionais - como o *Diário da Noite* e *A Notícia* - foram ao longo da década, perdendo leitores. A tiragem, entretanto, apesar de importante, não pode ser um critério absoluto na avaliação da relevância dos jornais, porque nem sempre o poder e o prestígio de uma empresa jornalística estavam diretamente associados ao número dos seus leitores. A *Tribuna da Imprensa* e o *Diário Carioca*, por exemplo, tinha pouca circulação, mas eram reconhecidos como órgão de peso e influência. (RIBEIRO, 2007, p.58-59)

O livro de Ana Paula Goulart Ribeiro, **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50** (2007), destaca os jornais: *Diário Carioca*, *Tribuna da Imprensa*, *Jornal do Brasil* e *Última Hora* como os principais "reformadores" da época. Foram pioneiros nas transformações das técnicas redacionais, editoriais e visuais que nas décadas seguintes se estabeleceram como padrões hegemônicos.

O *Diário Carioca* era um jornal pequeno, mas com intenso peso político. E segundo Barbosa (2007a), passaria a história como o criador do texto objetivo. Sua

essência era política, seu conteúdo era abordado de maneira irreverente e com humor. Apesar de, inicialmente, ter apoiado a Revolução de 1930, passou para a oposição e fez do antigetulismo sua principal característica. Segundo Ribeiro (2007), os artigos do seu fundador J. E. de Macedo Soares eram o grande atrativo do jornal, pois devido a sua posição social conseguia inúmeras notícias de primeira mão. "Sempre receptivo a novas ideias, viria a ser o pioneiro na modernização do jornalismo carioca e um dos grandes renovadores da linguagem da imprensa brasileira." (RIBEIRO, 2007, p.109)

A chefia da reforma ficou a cargo de Roberto Pompeu de Souza Brasil, ou apenas Pompeu de Souza, que após uma viagem aos Estados Unidos se interessou pela objetividade do jornalismo norte-americano e propôs a Horácio de Carvalho, então proprietário do diário, a reforma. Ao seu lado estavam Danton Jobim e Luís Paulistano. Lançaram, ainda em 1950, o primeiro manual de redação da imprensa brasileira e foram os primeiros a instituir a figura do copy desk³ em suas redações. As reformas do jornal ficaram centradas no texto e pouco se fez em relação à parte gráfica.

A equipe do diário era formada, em maioria, por jovens sem experiência. Neste momento, isso se transformou em uma vantagem, já que, bagagem, neste caso, significava apego às antigas formas de fazer jornalismo. "Quase todos os bons profissionais da época começaram ou passaram pelo Diário Carioca, que era considerado uma escola do jornalismo." (RIBEIRO, 2007, p.116)

Em 1961, o jornal foi vendido para Arnon de Melo. Pompeu de Souza saiu do diário após escrever um artigo que desagradou o dono do periódico. Um ano depois, Danton Jobim compra o jornal e apoia o governo de João Goulart. Esse apoio faz o jornal perder força política, já que era habitualmente oposicionista, marcando o início de sua decadência. O último número do *Diário Carioca* saiu em 31 de dezembro de 1965, após ter voltado às mãos de Horácio de Carvalho.

A *Tribuna da Imprensa*, que durante a década de 1950 foi o jornal de Carlos Lacerda, era a expressão dos pensamentos e dos ideais políticos de seu fundador. Segundo Ribeiro (2007), o personalismo era comum tanto na política como na imprensa neste período - outros exemplos eram a *Luta Democrática* de Tenório Cavalcanti, *O Dia* e *A Notícia* de Chagas Freitas. A *Tribuna* era um jornal pequeno, sua tiragem não

³ O copy desk era a seção do jornal, na qual ficavam os chamados "copy desk" ou redatores responsáveis por padronizar os textos noticiosos de acordo com as regras impostas pelo padrão de objetividade buscado pelos veículos.

chegava aos patamares dos grandes diários, mas possuía extrema influência política "funcionando como catalisador e amplificador de contradições e tensões sociais". (AZEVEDO *apud* RIBEIRO, 2007, p.145).

A família Lacerda possuía tradição na política. O pai do futuro governador do então Estado da Guanabara, Maurício Lacerda, foi deputado federal e jornalista, além de ter se envolvido com o levante comunista de 1935. No início de sua carreira, Carlos Lacerda foi militante ativo do comunismo, embora tenha se tornado alguns anos depois um dos seus maiores opositoristas. Antes de fundar seu jornal em 1949, Lacerda, ironicamente, trabalhou com seu futuro adversário Samuel Wainer. Passou pelos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, e em 1945 entrou para o *Correio da Manhã* - ali iniciou seu característico combate ao getulismo e instituiu sua coluna Tribuna da Imprensa. A principal característica de Carlos Lacerda eram suas reportagens com forte estilo agressivo.

Segundo Ribeiro (2007), a *Tribuna da Imprensa* não deve ser pensada apenas como um jornal panfletário. Apesar de não poder ser considerado um diário tipicamente moderno, com moldes empresariais, reflete as contradições da imprensa na década de 1950. Lacerda trouxe do *Diário Carioca* alguns de seus mais importantes colaboradores, adotou uma linguagem dinâmica e objetiva e formou uma equipe de fotógrafos. "Ao mesmo tempo em que servia de instrumento para as realizações políticas de seu dono também comportava em suas redações uma equipe de repórteres de excelente nível técnico-profissional, formados em moldes modernos". (RIBEIRO, 2007, p.146)

O *Jornal do Brasil* foi fundado em abril de 1891, com a função de representar o pensamento monárquico e criticar à recente República. O diário em pouco tempo adquiriu uma lógica empresarial, ocupou, em alguns momentos posição de vanguarda sendo o jornal carioca com melhor parque gráfico. Ribeiro (2007) define a história do jornal em seis fases:

A história do jornal pode ser dividida em seis fases: a monarquista (1891-1893), a republicana de oposição (sob a direção de Rui Barbosa, 1893), a do jornalismo popular (1894-1918), a do boletim de anúncios (a era do Conde Pereira Carneiro, de 1918 a 1953), a moderna (a era da Condessa e do Nascimento a partir de 1954) e a atual (desde que o jornal foi comprado por Nelson Tanure). (RIBEIRO, 2007, p.153 e 154)

Foi durante a era da Condessa que o processo de modernização da empresa e uma das mais conhecidas e estudadas reformas da imprensa brasileira se iniciou. Houve reestruturação do parque gráfico, com a adesão a novos aparelhos técnico-industriais. Ocorreram melhorias desde novos tipos e materiais de impressão, até a maior qualidade da tinta, papel e fotografias. Seguindo a linha do *Diário Carioca*, o jornal adotou o modelo norte-americano deixando o texto mais objetivo e melhor apurado. Na parte empresarial, novas técnicas de gestão e marketing foram aplicadas.

A reforma do *Jornal do Brasil* foi realizada em três etapas. A primeira, que durou entre 1956 e 1958, foi chefiada por Odylo Costa Filho e teve caráter mais lento, contudo, servindo de base para as mudanças mais profundas realizadas posteriormente. A segunda fase, entre 1959 e 1961, se iniciou quando Jânio de Freitas assumiu a chefia de redação e foi o período de maiores experimentações. A terceira e última fase teve a função de consolidar as transformações, e iniciou-se em 1962 com a contratação de Alberto Dines para chefiar a redação.

A reforma do *Jornal do Brasil*, apesar de não ter sido a primeira (antes dela, o *Diário Carioca*, a *Última Hora* e até mesmo a *Tribuna da Imprensa* já haviam implementado inovações) possuiu um caráter exemplar, não só pelo radicalismo das suas mudanças e pela qualidade do jornalismo desenvolvido, mas também por sua eficácia mercadológica {...} A reforma gráfica do *Jornal do Brasil*, além disso, constituiu-se um marco na história do design no Brasil, funcionando, até hoje, como um paradigma para os profissionais dessa área. (RIBEIRO, 2007, p.157)

Última Hora, o periódico de Samuel Wainer, é mais um jornal destacado por Ana Paula Ribeiro Goulart em seu livro. Por ser Samuel Wainer o tema central deste trabalho, o capítulo três abordará a trajetória do jornal, destacando suas relações com o poder e sua missão de defender o getulismo. Algumas das medidas inovadoras do jornal também serão apresentadas no próximo tópico do trabalho. "A *Última Hora* foi realmente uma aventura, (...) mas que deixou uma marca profunda não só na memória dos que participaram daquele empreendimento como na própria vida cultural e política do país." (MEDEIROS, 2009, p.13)

2.2 As transformações da década

A primeira questão a se destacar, quando a referência recai sobre as transformações do jornalismo na década, é a passagem de um gênero jornalístico

político-literário para um modelo mais informativo, tendo como base o padrão norte-americano caracterizado pelo uso do lide e da pirâmide invertida.⁴ Esse ideal de neutralidade e objetividade já vinha sendo implantado desde o início do século XX. Contudo, "encontra na conjuntura histórica dos anos 1950 eco favorável ao discurso da neutralidade". (BARBOSA, 2007a, p.150).

Anteriormente o jornalismo era visto como subproduto da literatura, e o principal objetivo dos escritores, ao trabalharem nas redações, era garantir o seu sustento ou mesmo ganhar visibilidade como literato. A independência da profissão, através desse novo ideário de imparcialidade e valorização dos profissionais, contribuiu para que o jornalismo se autorreferenciasse como a única atividade capaz de transmitir a verdade dos acontecimentos. Consequentemente, cria-se uma aura de credibilidade possibilitada pela recente legitimidade do ofício.

Ao se voltar para a questão da construção de uma retórica autorreferencial neste período, torna-se necessário enfatizar que o conceito de identidade não poder ser pensado como algo fixo e imutável, mas sim, como defende Lopes (2013) a identidade jornalística se dá menos pela manutenção de critérios fixos para o reconhecimento da profissão e mais pelos processos de sua construção feita ao longo do tempo e em relações contextuais, nas complexas tramas da organização social.

Percebendo que o conceito de identidade é um processo de construção e, portanto, a concepção de jornalista como profissional não sendo um dado absoluto, mas algo historicamente construído, a presença de sindicatos e de entidades de classe - como a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) - antes das transformações da década de 1950 mostra que a formação da identidade profissional já vinha sendo gestada.

Essa identidade, contudo, é formada de maneira multifacetada. Lopes (2013) aponta os seguintes aspectos: prática profissional (institucionalização do padrão norte-americano), os saberes (o saber das escolas de formação), organização (sindicatos, federações e organizações com influência na vida política do país) e os valores (deontologia e códigos de ética próprios). A década de 1950, portanto, representa o

⁴ Lide - primeiro parágrafo do texto jornalístico que deve conter as principais informações da notícia, respondendo as perguntas: quem? o que? como? quando? onde? porque?. Tomou o lugar do nariz de cera, forma de introduzir a notícia feita de forma prolixa e com digressões. Pirâmide Invertida é a estrutura do texto que prioriza as informações mais importantes na parte inicial, tendo como primeiro parágrafo o lide.

coroamento de uma série de processos que já vinham ocorrendo e, assim, fortalecendo a identidade jornalística como profissional.

A atividade jornalística na década de 1950, segundo Ribeiro (2007), se reveste de uma aura de fidelidade dos fatos criando entorno de si enorme poder simbólico. Ao jornalista é dada a confiança da fala autorizada, a certeza de que a verdade está sendo narrada. Os jornais passam a se apresentar como porta-vozes da sociedade, e aos seus jornalistas cabia a responsabilidade social de representar a população.

Mas a ruptura com a literatura não se deu de forma completa. Muitos profissionais ainda atuavam nas duas áreas. A modernização, contudo, procurou demarcar claramente os espaços da opinião e da interpretação separados da informação nas páginas dos jornais. Na estrutura redacional, algumas regras variavam de veículo para veículo, mas três pontos eram fundamentais: clareza, concisão e simplicidade. Outras adaptações do modelo norte-americano também se tornaram comuns, como por exemplo, a adoção do sublide, o segundo parágrafo que tinha o objetivo de resumir para o leitor aspectos considerados os mais importantes, tendo em vista critérios de noticiabilidade que governavam as convenções narrativas.

Em relação à linguagem, impôs-se, sobretudo, nos espaços informativos, uma restrição do código. O uso de reduzido número de palavras, expressões e regras gramaticais aumentava a comunicabilidade e facilitava a produção de mensagens, obedecendo à máxima da rapidez. (RIBEIRO, 2007, p.223)

A massificação dessas normas levou à padronização do texto, retirando as marcas de estilo características de cada jornalista. A busca pela informação carregada de carga de neutralidade produziu a separação entre textos que deveriam ser amplamente informativos, a cargo do repórter/jornalista, e outros que seriam editados nos espaços destinados à opinião. Esses não eram mais responsabilidade do repórter, passando a ser o texto que resumia o posicionamento do jornal. "Ou seja, houve um processo de institucionalização da opinião, na medida em que esta passou a ser um corolário da empresa". (RIBEIRO, 2007, p.226).

Para tornar possível a adoção generalizada desse padrão redacional que colocava em destaque a pretensão à neutralidade dos fatos, era preciso também dar unicidade redacional aos jornais. Nesse sentido, a criação do corpo de redatores, responsáveis pela padronização de todas as notícias dentro de uma mesma convenção narrativa jornalística – o chamado corpo de copy-desk – foi fundamental para produzir um jornal com o

mesmo padrão redacional. Límpido, claro, sintético e com isso pretendendo ser objetivo: o foco era o fato, transformado cotidianamente em acontecimento jornalístico. Esses redatores, que irão formar o copy-desk dos jornais diários, padronizavam a linguagem e, em muitos casos, o texto inicial do repórter era inteiramente descaracterizado para que pudesse ser enquadrado às regras do veículo.

Apesar da padronização do texto, atrelado às amarras do ideal de objetividade, muitos jornais continuavam valorizando literatos e dando destaque a colunas específicas que continuavam construindo textos ficcionalizados, como por exemplo, a estratégia utilizada pela própria *Última Hora* ao reeditar os folhetins, editando com destaque textos de Nelson Rodrigues, reproduzindo com uma nova roupagem o gênero que tanto sucesso fizera no início do século XX. Paralelamente, alguns jornalistas conquistavam notoriedade junto ao público, ganhando fama e poder. E *Última Hora* procurava, como estratégia administrativa, destacar alguns dos seus repórteres que conquistavam a empatia do público, como afirma Theodoro de Barros:

Na história do moderno jornalismo brasileiro nenhum outro órgão de imprensa criou ou projetou tantos jornalistas como *Última Hora*. Além dos nomes associados à reportagem propriamente dita, o jornal promoveu incontáveis colunistas: muitos que ainda hoje continuam ocupando lugar de destaque em outros jornais e revistas, outros que obtiveram grande popularidade em determinada época e até alguns que simplesmente passaram sem deixar maiores lembranças. (BARROS *apud* CAMPOS, 1993, p.47)

Os jornalistas que alcançavam esse lugar de prestígio ganhavam o direito de opinar nas colunas de opinião. A popularização desses espaços reflete uma contradição, já que ao objetivar a neutralidade e a objetividade, os jornais do período buscavam um texto com convenções narrativas que apelassem a esses valores. Apesar dessa transformação radical na forma de fazer jornal, a sobrevivência da opinião em muitos lugares dos jornais mostra que havia aspectos do antigo modelo que permaneceram nos tempos da modernização da imprensa. Ou seja, não houve a adoção indiscriminada da nova fórmula de fazer jornal, havendo traços dos antigos modos que sobreviveram, misturando-se modernidade e padrões dos modos tradicionais de narrar nos principais veículos símbolos da modernização dos anos 1950. Nas colunas era permitido fugir das regras predominantes no padrão informativo, era possível desenvolver um estilo pessoal, em suma, ter liberdade.

Segundo Ribeiro (2007), *Última Hora* foi o jornal que mais explorou a fórmula do colunismo e das seções especializadas. A autora afirma que Samuel Wainer acreditava que o leitor se identificava mais com pessoas do que com empresas, portanto era mais fácil se tornar fiel a um jornalista do que a um jornal. De fato, muitas das colunas do periódico tornaram-se extremamente populares devido à influência de nomes como Nelson Rodrigues e Stanislaw Ponte Preta.

A padronização redacional, nesse processo modernizador, veio acompanhada da implantação de um novo modelo visual. Com uma diagramação inovadora, a fotografia ganhou mais destaque e antigos recursos, como a caricatura e as histórias em quadrinhos, voltaram a ser explorados. As fotografias tinham a função de trazer dinamismo à notícia, já que na nova lógica capitalista vigente não era mais possível esperar que o leitor dedicasse um longo período do seu dia para leitura do jornal.

O novo conceito do fotojornalismo incorporava a ideia do instantâneo, do flagrante {...} procurava fixar o momento do acontecimento, tentando apanhar em uma só imagem o essencial da cena. (RIBEIRO, 2007, p.245)

Os jornais passam a investir em técnicas e em novas rotativas para melhorar as imagens. Alguns criam departamentos de fotografia e arquivos para armazenamento de material. A *Última Hora* vai além, montando um moderno laboratório fotográfico, com os melhores equipamentos da época.

Já a caricatura, que segundo Ribeiro (2007), até então, costumava se limitar aos espaços das revistas ilustradas e que durante o Estado Novo se viu enfraquecida, voltou com força ao jornalismo diário da década de 1950. *Última Hora*, mais uma vez, teve papel fundamental para essa revalorização. A charge tinha dois apelos primordiais: fortalecer a empatia com o grande público e criticar as esferas políticas, podendo dosar a agressividade. Apesar de não receber mais a mesma importância que lhe foi atribuída antes do Estado Novo, como consequência da nova lógica do jornalismo, as caricaturas podem ser pensadas como um espaço de liberdade criativa e de opinião dentro do modelo padrão pautado pela busca da neutralidade.

As reformas da década de 1950 tiveram em dois jornais os emblemas mais expressivos desse movimento de transformação da imprensa brasileira: *Jornal do Brasil* e *Última Hora*. A criação do jornal de Samuel Wainer em 1951 e a reforma do *Jornal do Brasil* no final da mesma década transformaram não apenas as visualidades dos diários, mas conceitos administrativos, redacionais, organizacionais, entre outros.

Do ponto de vista do jornal como imagem, esses dois veículos são os principais símbolos da construção do conceito da diagramação, enquanto planejamento estratégico e estético da publicação, apesar de adotarem propostas completamente díspares. Enquanto o primeiro adotou um estilo visual mais limpo, retirando os fios e reduzindo os classificados, a *Última Hora* investiu no uso intensivo de recursos gráficos como: fios, grisés e setas. (Ver anexo II)

A diagramação não deve ser pensada como simples arrumação das páginas de um jornal. Segundo Freire (2009), o jornal é um dispositivo que possui um conteúdo material - que são as notícias - mas também está repleto de valores simbólicos, a identidade e a imagem que o jornal constrói para si perante a sociedade. Sendo assim, todo esse conjunto organizado orienta a postura do leitor.

Ainda que haja uma enorme diferença nos dois projetos, ambos vieram quebrar a maneira desorganizada como os jornais brasileiros expunham as notícias em suas páginas. Uniformizaram a tipologia das letras, criaram uma hierarquização na disposição das matérias e substituíram o regime de improvisação por uma lógica da coerência. Samuel Wainer destaca alguns dos benefícios da diagramação:

O sistema, até então, adotado pelos jornais brasileiros implicava em grande desperdício de mão de obra e de material. Como as matérias, títulos e clichês eram marcados sem qualquer cálculo, na base da experiência apenas, milhares de linhas de composição e centenas de centímetros de clichês eram perdidos ao final do trabalho. Perdia-se chumbo, estanho, antimônio e zinco, além de preparados químicos importados, uma vez que em todas as páginas havia matérias, títulos e clichês que ultrapassam os espaços a que, teoricamente, estavam destinados [...] A diagramação veio acabar com esse caos na oficina, ao mesmo tempo que disciplinava os repórteres e redatores, obrigando-os a limitar o tamanho de seus textos ao espaço reservado nos espelhos das páginas. Mas o principal é que ela reduzia sensivelmente os custos industriais dos jornais, pela eliminação do desperdício de mão de obra e de material. Havia ainda a vantagem adicional de obtermos maior velocidade na impressão: o tempo antes perdido com a composição ou recomposição de matérias e títulos, que não chegavam a ser utilizados, foi ganho em favor da circulação do jornal. (WAINER Entrevista a BARROS *apud* CAMPOS 1993, p.21)

A diagramação e, com ela, a necessidade de maior controle das matérias foi uma das causas para que os jornais se desmembrassem em vários setores, cada um com um chefe e a produção de seu conteúdo. Surgiram divisões no âmbito das relações de trabalho e o jornalista poderia ser cronista, colaborador, repórter, redator, copy desk, entre outras funções. Essa distribuição reduziu o poder do secretário, que anteriormente era responsável por controlar todas as etapas do processo produtivo. "O secretário

continuava, no entanto, a ser uma figura central. Todo material escrito ia para as suas mãos. Ele, então, organizava - junto com o diagramador - o conjunto do jornal". (RIBEIRO, 2007, p.323)

A década de 1950, no Brasil, foi marcada por um desenvolvimentismo tecnológico em vários setores, mas principalmente no campo industrial. A imprensa refletiu essa tendência com a introdução de modernos maquinários de impressão que, por exemplo, possibilitaram o uso generalizado de fotografias e de cores. Esse avanço tecnológico está estreitamente ligado à formação de uma identidade jornalística, já que colabora com a formação do ideal de neutralidade.

Constrói-se, pois, paulatinamente, a imagem do jornalismo como conformador da realidade e da atualidade. As tecnologias são fundamentais para a construção do jornalismo como lugar da informação neutra e atual. Se o telégrafo torna os acontecimentos visíveis, há que informar fatos que ocorrem próximos ao público. A opinião é, assim, gradativamente separada de uma ideia de informação isenta e, neste processo, os novos artefatos tecnológicos desempenham papel fundamental. (BARBOSA, 2007a, p.24)

Além das reformas redacionais e editoriais, mudanças na parte administrativa dos jornais também foram realizadas. A forma rudimentar e improvisada foi sendo substituída, mesmo que ainda de forma incipiente, por um modelo empresarial. Ribeiro (2007) afirma que essas empresas jornalísticas diminuíram o foco na figura do proprietário para adotar o modelo norte-americano de divisão em partes: executiva, financeira, editorial e gráfica / mecânica.

"Tratei de precaver-me na parte administrativa contratando os serviços de uma administradora de empresas, uma novidade na época." (WAINER, 1988, p.133) A declaração de Samuel Wainer exemplifica o pioneirismo de *Última Hora*, que assim como a *Tribuna da Imprensa* e o *Jornal do Brasil*, se preocupou em implantar uma organização empresarial e a administrativa para o jornal.

Segundo Ribeiro (2007), *Última Hora* ainda criou um departamento de promoções que tinha o objetivo de incentivar, a partir de uma série de estratégias, a circulação do jornal. Sorteio de brindes, promoções, publicidade em *outdoors* e *teaser*: para época isso tudo foi uma grande novidade. "Com todas essas modernizações, a *Última Hora* tornou-se, em tempo recorde, num dos maiores veículos de publicidade do país". (RIBEIRO, 2007, p.199)

Criando uma frota própria para a distribuição dos seus jornais até os jornaleiros, *Última Hora* encontrou uma maneira de aumentar a sua competitividade frente aos concorrentes, já que, na época, se acreditava que o sucesso das vendas estava relacionado ao horário de chegada aos pontos de venda. Recurar o horário de fechamento do jornal também foi uma medida para manter o periódico combativo, já que seu maquinário era inferior ao do vespertino de maior concorrência: *O Globo*. Essa medida acabou por influenciar no término da existência de vespertinos e matutinos, instaurando apenas um horário para distribuição dos jornais.

As transformações ocorridas na década de 1950 vão além de simples alterações na sistemática de se escrever notícias e montá-las nas páginas de um jornal. Ocorrem mudanças profundas em relação aos processos produtivos, que saem de um modelo artesanal para uma nova lógica industrial. Sobre o mito da objetividade se construiu toda uma deontologia da profissão, justificando-a e legitimando-a a fim de dar sentido ao jornalismo. E assim, há mudanças também nas próprias convenções narrativas. Os textos, que antes podiam expressar a linha de pensamento do repórter, passaram a ser moldados para se enquadrar dentro dos padrões de clareza e de objetividade propostos pelo veículo.

A nova convenção narrativa guiada pelo modelo norte-americano levou a uma necessidade de uma apuração mais imediatista, já que nos jornais já não havia mais espaço para considerações filosóficas e metafísicas sobre um fato do cotidiano. A nova lógica de aceleração na sociedade levou os jornais a se qualificarem como "veículos de notícias". O texto deveria ser direto, conciso, claro e, principalmente, responder o que era mais importante sobre o fato - isso dentro dos moldes do lide e da pirâmide invertida.

Para que a forma de reportar os fatos seguisse a missão de informar acima de tudo a população sobre o que mais importante aconteceu no dia, os processos produtivos tiveram que ser adequados. Houve a necessidade de se criar métodos (como o uso do copy desk, dos manuais de redação, da diagramação) para padronizar a linha redacional e editorial e tornar o jornal compreensível e direto para o leitor.

A implantação de todo esse ideal de neutralidade e imparcialidade foi formalizada durante a década de 1950, e os manuais de redação são um exemplo desta regulamentação. Assim passam a existir algumas regras básicas para reger e guiar a

prática profissional dos jornalistas. Essa fórmula hegemônica constrói, pela primeira vez na história da imprensa, uma deontologia que é capaz de impor uma dada representação dos jornalistas para si mesmos - sua legitimidade.

Muitos recursos retóricos utilizados foram empregados a fim de provocar uma aura, ainda que ilusória, de neutralidade. Lopes (2013) cita como exemplos a abstenção do uso de adjetivos, o uso de aspas e do discurso indireto, além da regra de abranger os dois lados da questão e lhe fornecer igual espaço.

Todas essas transformações culminam na construção de uma identidade jornalística diferenciada que irá perdurar durante todo o século XX.

Os jornalistas - com grupo - passam a compartilhar um conjunto de crenças e posições, nas quais se destacam as representações sobre a profissão e sobre a própria história dessa profissão: nesse sentido, os anos 1950 são marcos no seu próprio discurso de um momento singular, onde começa, de fato, o verdadeiro jornalismo, já que resultado da ação também de verdadeiros jornalistas. (BARBOSA, 2007a, p.159)

2.3 O jornalismo como prática profissional

Segundo Ribeiro (2007), o primeiro curso regular de jornalismo no Brasil só obteve autorização para funcionamento em 1947. Mas ainda era um curso subordinado à Faculdade de Filosofia da então Universidade do Brasil (hoje UFRJ) só obtendo autonomia em 1958, quando se multiplicaram as escolas e, aos poucos, tornaram-se importantes centros de recrutamento. Já nos anos 1960 havia nove cursos de jornalismo no território nacional.⁵

Antes do Estado Novo era comum aos jornalistas trabalharem em vários órgãos, em regime de *freelancer*. Mas mesmo com o decreto de 1938, que criou o registro para jornalistas profissionais no Ministério do Trabalho, ainda era normal ter ao menos dois empregos. Os salários eram baixos e geralmente pagos com atraso. Era grande o número de pequenos periódicos, mal organizados na parte administrativa. Até mesmo os jornais maiores não possuíam uma estrutura empresarial eficaz. O depoimento de Samuel Wainer é revelador quanto a esse cenário:

⁵ Escola de Jornalismo Cásper Líbero/PUC (São Paulo, 1947), Universidade do Brasil (Rio, 1948), Universidade da Bahia (Salvador, 1949), PUC (Rio, 1951), PUC (Porto Alegre, 1951), Universidade Federal do Paraná (Curitiba, 1955), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santos (1957), Universidade Católica de Pelotas (1958) e Faculdade São Tomás de Aquino (Uberaba, 1960).

Na época, predominava uma mentalidade um pouco ainda, muito, vamos dizer, mercantilista, a valorização do jornalista representava a valorização do salário. Então, era preciso desvalorizar o jornalista, prá não valorizar o salário.⁶

Havia dois grupos dentro das redações: uma maioria de formação cultural precária e uma minoria de jornalistas bem preparados formada, principalmente, nas Faculdades de Direito. O maior grupo era constituído por homens das classes mais empobrecidas da sociedade, de baixo nível intelectual e pouca escolaridade. Esses, em geral, eram conhecedores das técnicas de apuração, mas não sabiam redigir. Já os jovens oriundos de famílias das elites recebiam nas universidades a preparação necessária para se estabelecerem nas posições mais elevadas dentro dos jornais.

Em contraponto a essas adversidades, nos anos 1940 ocorreu uma corrida por pedidos de registro profissional para jornalistas. Isso se deveu, em parte, aos privilégios concedidos pelo Governo. Os jornalistas possuíam transporte gratuito, não precisavam declarar imposto de renda e tinham desconto em passagens aéreas, de navio, nos trens da União e em casas de divertimento. "Um assalariado, com ordenado de fome, mas que podia entrar de graça nos cinemas, teatros, circos, com passe nos bondes, etc" (MOREL, 1999, p.21).

A possibilidade de ascensão social também era uma das justificativas para a idealização da profissão. Com a sua influência junto aos centros de poder, os jornalistas usavam o trabalho nos periódicos apenas como ponto de passagem e momento intermediário para atingir uma posição no campo político ou para galgar empregos públicos. Era comum o uso do prestígio do jornalismo para que houvesse troca de benefícios, favores e favorecimentos.

A definição de Barbosa para os profissionais durante o Estado Novo pode ser aplicada a esse contexto:

A atividade jornalística não iniciara ainda no Rio de Janeiro plenamente o seu processo de profissionalização. Apesar das inúmeras tentativas de transformar o saber prático em objeto de estudo regular - movimento que teria início no primeiro congresso de jornalistas realizado em 1918, mas que só se efetivaria com o projeto de criação do curso de jornalismo ainda durante o Estado Novo - , a profissionalização só seria efetivada a partir da década de 1950. O ingresso no mundo do jornalismo pouco tinha mudado em relação ao início do século: indicações de pessoas influentes e relações de amizade são fundamentais para ingressar na profissão, que se acumula com outra atividade, normalmente no serviço público. (BARBOSA, 2007a, p.140)

⁶ Disponível em link: http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria_10.htm. Acesso em: 13 de Janeiro de 2013.

A profissionalização na década de 1950 deveu-se, em parte, à valorização dos jornalistas iniciada, também, nesse período. O aumento dos salários foi uma das principais razões, já que com um melhor padrão econômico a condição cultural desses profissionais também melhorou. Tomando por base a teorização de Bourdieu (1989) para o campo jornalístico, podemos dizer que o jornalismo foi aos poucos deixando de ser apenas uma atividade complementar, que conferia prestígio e poder, para ser paulatinamente uma profissão reconhecida de forma autônoma. Assiste-se, portanto, nesse momento a constituição do jornalismo como campo profissional, submetido a regras, valores, padrões, normas e sistemas de reconhecimento e distinção.

Dois foram os principais fatores para a valorização salarial do jornalista. Segundo Ribeiro (2007), os sindicatos realizaram campanhas firmando acordos com identidades patronais ou diretamente com os próprios empregadores. "Em fins de 1957, novo acordo estabelecia aumentos diferenciais, que iam de 58% para redator auxiliar a 100% para repórter auxiliar. (RIBEIRO, 2007, p.290)

Samuel Wainer, no seu vespertino *Última Hora*, elevou os salários como forma de retirar de seus concorrentes os melhores profissionais e trazê-los para o seu jornal. Através do respaldo político que o jornal possuía, assegurado pelo então presidente Getúlio Vargas, Wainer elevou os rendimentos dos jornalistas a números impensáveis para época. O depoimento do próprio Wainer, em suas memórias, reforça essa questão: "Para aumentar a aflição dos concorrentes, eu decidira inflacionar os salários dos jornalistas da *Última Hora*, pagando salários muito acima dos padrões da época". (WAINER, 1988, p.147)

Segundo Lopes (2013), deve-se levar em conta que a questão da identidade profissional jornalística marcada pelo reconhecimento dos jornalistas como profissionais no espaço social, assim como o surgimento e o crescimento de escolas de jornalismo no Brasil, está estreitamente relacionada aos processos de valorização mercantil da informação. Estes últimos, por sua vez, não podem se dissociar do desenvolvimento e crescimento das empresas jornalísticas.

A passagem de uma lógica do jornalismo como atividade provisória, de impulso para carreira literária ou pública, para a possibilidade de uma carreira profissional legítima é o reflexo de um momento de transição. Assim, o caráter mercadológico -

tendo a publicidade com fonte importante de renda - permitiu autonomização dos veículos jornalísticos.

A informação torna-se a mercadoria valiosa, contribuindo para a formação da imagem do repórter como aquele que está nas ruas, descobrindo o que acontece e relatando o que é importante. A valorização do "furo", uma novidade exclusiva em primeira mão, passa a ser sinônimo de destreza e competência do trabalho da imprensa.

Aí a figura do repórter ganha prestígio e passa a abrigar grande parte do imaginário sobre o trabalho jornalístico {...} E o jornalista - ilustrado sobretudo pela figura do repórter - passava a ser a figura central do mediador social: aquele que vai fazer a ponte entre os fatos e o público. (LOPES, 2013, p.73)

Não só analisar a mercantilização da notícia basta para compreender a relação da instituição jornalística com a identidade do jornalista. Segundo Lopes (2013), existem outros aspectos. É preciso perceber o afastamento do jornalista da imagem de: literato, bacharel em direito, escritor e político para ser funcionário de uma empresa jornalística. Para isso, foi fundamental o reconhecimento da profissão, a partir de 1938, quando o jornalismo passou a ser um exercício profissional regulamentado pelo Ministério do Trabalho.

Ao lado disso, o jornalista passou a ser detentor de uma espécie de “língua jornalística”, ou seja, a utilização de recursos retóricos para empregar confiabilidade ao discurso pautado na busca da neutralidade, na tentativa de aumentar a sensação de isenção produzida no discurso informativo. E, por último, a implantação de um ensino do jornalismo. Todos esses fatores fazem parte de uma teia necessária para a construção de uma identidade.

Mas há que entender, também, que a construção desta identidade profissional ultrapassou a simples aplicação de uma ordem prática ao fazer jornalístico. Alcançou a dimensão dos valores, da imagem do jornalista, na formação de uma deontologia da profissão. Essa identidade, sempre em construção, acompanhou os jornalistas durante as décadas posteriores.

2.4 A aura da profissão jornalística e a relação com o poder

Segundo Ribeiro (2007), dentre as formas de rendimento de um periódico da década de 1950 estão: a venda avulsa ou por assinatura, a publicidade pública ou

comercial, mas também empréstimos e privilégios oriundos da esfera pública e apoio de grupos privados. Poucos eram os jornais que encontravam na venda avulsa e nas assinaturas toda a renda que precisavam para sobreviver. A publicidade comercial, que sempre fora escassa, encontrou no desenvolvimento industrial o impulso para ganhar força. Contudo, a maioria dos jornais ainda dependia de relações com a política. "Em muitos casos, o apoio do governo e os velhos métodos de clientelismo e chantagem ainda garantiam a sobrevivência da empresa." (RIBEIRO, 2007, p.167)

A relação entre a política e a imprensa é extremamente importante para a compreensão da constituição do campo jornalístico no Brasil e esteve presente desde o lançamento dos primeiros jornais no país. Desde a segunda metade do século XIX, com os movimentos abolicionistas e republicanos já eram encontradas publicações panfletárias com objetivo de defender as ideias de cada grupo.

E durante a primeira metade do século XX os periódicos faziam das relações com o campo político razão de sua própria constituição. Jornalismo e política estavam de tal forma inter-relacionados que, o sucesso ou o fracasso de muitos periódicos relacionava-se diretamente às alianças firmadas com personagens do mundo da política que ocupavam lugares proeminentes na esfera do poder. Se no início do século XX, segundo Barbosa (2007a) alguns jornalistas, como José Carlos Rodrigues, proprietário do *Jornal do Commercio*, eram famosos por “fazerem e desfazerem presidentes”, na década de 1950 muito do prestígio de Samuel Wainer e do jornal *Última Hora* advinha das relações estreitas que ele mantinha com Getúlio Vargas. Assim, parece ser perfeitamente explicável que episódio do suicídio do presidente Getúlio Vargas, em 1954, seja talvez um dos exemplos mais representativos da vinculação dos jornais com o campo político.

O que mudou durante o século XX foram as características dessas práticas - de uma corrupção artesanal os jornais passaram a desenvolver um rede de subornos mais complexa. O Estado Novo reforçou o domínio do Estado sobre a imprensa, através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão censor e que exercia pressões diretas sobre os veículos de comunicação, censurando, fechando jornais ou ameaçando com a perda de concessões e a censura.

De forma indireta, o DIP premiava e distribuía favores aos que se colocavam ao lado do Estado Novo, enquanto os que se opunham eram perseguidos. Empastelamento

das redações ou encampação de empresas eram ações que iam de um extremo ao outro no cenário político das perseguições levadas a cabo pelo Estado durante o Estado Novo⁷. Segundo Ribeiro (2007), a questão do papel imprensa também era uma das formas mais comuns de manipulação, já que praticamente todo o papel usado era importado pelo governo e vendido aos jornais. A ameaça em relação a esse fornecimento era constante.

A declaração de Samuel Wainer sobre a forma como se dava a chantagem aos Diários Associados é esclarecedora:

A corrupção nos Associados transformou-se numa instituição, praticada em todos os níveis. Contínuos extorquiam gorjetas para permitir a entrada de alguém, redatores tomavam dinheiro de açougueiros para não denunciarem o aumento no preço da carne, secretários de redação chantageavam empresas para impedir a publicação de críticas a seus produtos. Os negócios em nível mais alto, naturalmente, ficavam por conta do chefe. (WAINER, 1988, p.105)

Ribeiro (2007) ainda afirma que existiam formas juridicamente conhecidas que contribuíam para a manutenção da dependência da imprensa frente ao poder público.

Podemos identificar cinco formas "legais", juridicamente reconhecidas, de dependência dos meios de comunicação jornalísticos em relação ao Estado: 1) sistema de concessões públicas; 2) controle oficial das quotas de papel e outros insumos básicos à comunicação; 3) financiamentos, isenções fiscais e subsídios; 4) fiscalização governamental das atividades de comunicação; e 5) publicidade governamental. (RIBEIRO, 2007, p.170-171)

É importante perceber que as relações com o poder tornaram-se com o tempo muito mais uma questão cultural e de tradição no Brasil do que decorrentes de necessidade impositiva, pelo menos não mais pelo ponto de vista coercitivo. A década de 1950 apresenta exemplos dessa tendência. O clima político do país é de abertura, fim da censura, mas ainda havia muita influência política nos jornais. A dependência da espera pública fica clara com os dados fornecidos por Ribeiro (2007): os dois maiores devedores do Banco do Brasil, nesse momento, são Assis Chateaubriand, dos Diários Associados e Roberto Marinho, do *O Globo*, ambos contrários ao governo.

A *Última Hora* é, sem dúvida, exemplar representativo destas relações com o poder. O fato de o jornal ter sido inaugurado para defender os interesses do presidente Getúlio Vargas e inseri-lo como assunto no restante da imprensa nunca foi escondido,

⁷ Como exemplo mais emblemático da ação de encampar empresas de grupos de comunicação há o caso do Grupo A Noite, tendo sido todas empresas pertencentes ao Grupo de Geraldo Rocha (entre elas a Rádio Nacional do Rio de Janeiro) arrestadas pelo Estado. (BARBOSA, 2007, p.113).

mas sim, assumido pelo seu próprio fundador. Durante todo o período em que Samuel Wainer esteve à frente do periódico recebeu favores e privilégios não só do governo Vargas, como também dos presidentes Juscelino Kubitschek e João Goulart.

Em suas memórias, Samuel Wainer, descreve inúmeras vezes suas estreitas relações com o presidente Vargas e com as cercanias do poder.

Entrava na sala do presidente do Banco do Brasil sem ter pedido audiência e sem bater na porta. Ele sempre achava que, se fizesse cara feia, seria atacado no dia seguinte pela *Última Hora* e perderia o cargo." (WAINER, 1988, p.170)

Com a construção do ideal de objetividade, baseado nas regras impostas pelo modelo norte-americano, o jornalismo constrói para si um espaço de neutralidade fundamental para autonomização do campo jornalístico. Segundo Barbosa (2007), essa padronização leva a imprensa a ter o reconhecimento público de lugar emblemático para difusão da informação, ainda que ainda haja muita carga opinativa nas publicações. Desta forma, "os jornais atuam como força dirigente superior, mesmo que em função de objetivos específicos se liguem a um ou outro grupo e, dessa forma, exercem o papel de estado maior intelectual do partido orgânico". (BARBOSA, 2007a, p.151)

A autora, se baseando em Gramsci, ainda defende a ideia de que a imprensa é um "estado maior", ou como um "partido" desempenha além de uma função política, um valor de propaganda, de polícia, e de influência moral e cultural. E nesse sentido encontra nas estreitas relações com o poder mecanismos para mediar as ações do comando político. Torna-se, portanto, lugar emblemático por divulgar o consenso da população considerado como espontâneo.

As relações com o poder, a capacidade de influenciar e formar a opinião e, sobretudo, a construção de que o jornalismo é o lugar natural de dar a ver o que se passa no mundo (desvendando para o chamado grande público fatias do mundo como se fosse a totalidade do que acontece diariamente) constroem para os jornalistas uma aura como também, cria algumas visões míticas em torno do que é ser jornalista e que vai se transformando historicamente. Como detentor de um poder simbólico, no sentido que atribuiu ao termo Bourdieu (1989), o jornalista se constrói como responsável por determinados valores, entre eles o de zelar pela ordem democrática e de construir opiniões sobre o mundo a partir do que é divulgado via meios de comunicação. Perpetua também a visão mítica de que todo profissional da área é respeitado e atuante nas cercanias do poder.

Na década de 1950, talvez o emblema mais característico do que era ser jornalista tenha sido a ação para revelar o que, não fosse a sua atuação, ficaria encoberto sobre o manto do desconhecimento. A notícia, o furo de reportagem, passava a ganhar um significado singular e fundamental para a profissão. Talvez seja por isso, que Samuel Wainer, o todo poderoso homem de imprensa, conselheiro do Presidente da República, gostava de se definir como jornalista. Não um jornalista qualquer, não um articulista ou produtor de textos rebuscados. Samuel Wainer se dizia repórter, nas suas palavras o verdadeiro jornalista.

3- Samuel Wainer: o jornalista na história

Era comum, nas redações nos idos de 50, o repórter frustrado pela não publicação de sua matéria no jornal onde trabalhava comentar no bar, com um muxoxo de raiva contida: 'Garanto que, se Samuca estivesse no comando, ele publicava.' Publicaria mesmo. O Samuca, do balcão do chope, idolatrado pelos repórteres ousados, apesar dos berros que distribuía, era Samuel Wainer - fundador da *Última Hora*, ágil vespertino repleto de azuis e fotos abertas -, um jornalista que abalou o Brasil por décadas, levando suas opiniões aos mais recônditos currais eleitorais, aos conchavos dos usineiros e dos empresários, às bancadas do Congresso, aos sindicatos e aos leitores, que, mesmo não pertencendo a nenhuma dessas corporações, compravam a *Última Hora* por acreditar que ali se estampava o que acontecia, não o que os donos dos jornais queriam. (FERRAZ *apud* ROUCHOU, 2004, p.15)

Silvio Ferraz, o autor no parágrafo anterior, credita essa descrição à idealização que envolvia o jornal *Última Hora* durante a década de 1950 e que, com o passar dos anos, através das memórias dos jornalistas, se manteve. Samuel Wainer, fundador da *Última Hora* era a personificação do jornal. Toda a mítica de renovação do jornal era, e ainda é, espelhada na figura de seu fundador.

Muito do abordado como renovação, inovação e, em alguns casos, até como revolução, na década de 1950 e na *Última Hora* foi apenas revalorização ou consequência da conjuntura político-econômica do país. Contudo, é inegável que esse momento da história foi um marco na imprensa brasileira, que a *Última Hora* foi um jornal que se destacou nesse processo, sendo Samuel Wainer, de fato, personagem marcante na história da imprensa brasileira. "Ao longo de quase meio século, sua vida pública se confunde com acontecimentos de extrema relevância da história política brasileira". (ROUCHOU, 2004, p.17)

Grande parte desse ideário renovador foi construído pelo próprio Samuel Wainer. No seu livro de memórias, em entrevistas, depoimentos e declarações as mais variadas Wainer sempre reforçou a produção de um personagem para si próprio e para outros. Trabalhou a formação de sua memória. Nesse sentido, a forma como seria lembrado, de um homem que chegou além das cercanias do poder, mas que nunca deixou de ser jornalista, de ser um repórter, nem quando perdeu seu poderio, foi a construção mais reafirmada na construção da sua memória pública. E como jornalista presenciou inúmeros fatos históricos, podendo se intitular como fonte legítima da história. Não porque tenha vivido muito, mas porque a vida de jornalista deu a ele a

intensidade e a proximidade de personagens e acontecimentos tão emblemáticos que faziam dele uma espécie de “testemunha ocular” daquele período da história.

3.1 Quem era Samuel Wainer?

Judeu, nascido na Bessarábia, uma região da Europa Oriental próxima à Romênia, Samuel Wainer chegou ao Brasil ainda bem jovem. Durante toda a sua vida negou ser estrangeiro, já que isso o impediria de possuir um jornal. Segundo Rouchou (2004), foi registrado como brasileiro apenas aos dezesseis anos, pois, naquela época, era comum aos imigrantes registrarem os nomes sem muito rigor nos portos, apenas traduzindo os nomes. Apesar de negar sua nacionalidade, Wainer nunca rejeitou sua etnia judaica.

Agora só sei de uma coisa: fomos judeus a vida inteira, não me lembro de nada que tivesse quebrado a mística da formação judaica naquele lugar. É preciso considerar que a Romênia era um dos países que tinha maior número de judeus, um dos maiores números de judeus dentro de sua fronteira, e era antissemita violenta. Era terra dos pogroms, os massacres. (WAINER *apud* ROUCHOU, 2004, p.154)

Já no Brasil, Wainer passou toda a sua infância no Bom Retiro, sendo sua família uma das primeiras a se instalar no bairro paulistano. A escolha do país para a imigração foi semelhante a de muitos que saíram de sua terra natal. "Um parente que saiu na frente consegue algum trabalho e dinheiro e chama a família". (ROUCHOU, 2004, p.155)

Samuel não explora em seu livro de memórias assuntos relacionados à sua família. Foi casado por três vezes. Com Bluma por quinze anos, a única de descendência judia, depois com Isa de Sá Reis. E, por fim, com Danusa Leão, com que teve seus três filhos: Samuca, Bruno e Pinky. "Hoje, percebo que só a eles me entreguei integralmente - com meus filhos me mostro, me solto, me dou (...) a ligação com eles é ilimitada, incondicional". (WAINER, 1988, p.259)

Quanto aos pais, registrou que Dona Dora Wainer era o pilar que sustentava a família. Mãe de nove filhos recebia em sua casa, judeus recém-chegados ao Brasil. Tinha vocação para liderança, e transformou as casas onde morou a família Wainer em lugares alegres e marcados pela música e dança. Seu pai, Jaime Wainer, era um homem triste e fechado. Recusava a ajuda dos filhos, pois se ressentia de que apesar da sua

superioridade intelectual nunca enriqueceu. Apesar da mágoa, nunca perdeu sua dignidade.

A carreira de Samuel no jornalismo começou bem cedo, quando saiu do Bom Retiro para o Rio de Janeiro. Por volta de 1933, início da expansão nazista, Wainer, valendo-se de ser judeu, recebe o convite para ser responsável por uma coluna no *Diário de Notícias*, dedicada a abordar o ponto de vista da colônia israelita. Pouco antes, teve sua primeira experiência na imprensa, ajudando a fazer o jornal da Associação de Estudantes Israelitas. Nesse primeiro momento, precisa complementar sua renda com outras atividades. Wainer chegou a ser leiloeiro e vendedor de óleos lubrificantes.

A primeira oportunidade no jornalismo de maior êxito na vida de Samuel só aconteceria com o lançamento da revista *Diretrizes*. Antes disso, porém, passou por duas experiências que, apesar de efêmeras, lhe iniciaram no universo das redações: a *Revista Brasileira* e a *Revista Contemporânea*. A primeira era editada mensalmente, e tinha mais de trezentas páginas. Samuel foi seu secretário de redação, e, por isso, fazia nela quase tudo. Melhorou sua escrita e aprendeu princípios de paginação e noções de tipologia. Ao se opor quanto à publicação de um artigo, devido ao seu posicionamento político, Wainer saiu da revista, que meses depois deixou circular.

Após o fechamento da *Revista Brasileira*, Wainer procurou o dono de uma editora, Caio Prado Júnior, para propor o lançamento de uma nova revista com o mesmo modelo. Dessa parceria surge a *Revista Contemporânea*, dedicada a refletir sobre os acontecimentos políticos da época, com uma linha de esquerda antifascista. A revista, contudo, resistiu poucos meses. "Também ali eu cuidava praticamente de tudo, intensificando o aprendizado que iniciara na *Revista Brasileira*". (WAINER, 1988, p.48)

Por volta de 1937, Wainer já tinha relações estreitas com homens de imprensa. Antônio de Azevedo Amaral era um deles; e este o convidou para o lançamento de uma nova revista. *Diretrizes* tinha o objetivo de registrar e analisar a cena política brasileira do momento. A dificuldade estava na conjuntura política de controle que o Estado Novo determinava, a censura imperava, já não havia mais partidos políticos e nem Congresso. "Mas o mundo estava às vésperas da guerra, o Brasil estivera em franco processo de

politização nos anos anteriores e havia leitores à espera de quem estivesse disposto a dizer, ou pelo menos tentar dizer, a verdade". (WAINER, 1988, p.49)

Diretrizes era o polo de representatividade na imprensa dos que sobreviveram à ditadura de Getúlio Vargas: a esquerda, sobretudo os ligados ao Partido Comunista Brasileiro. A revista também ficou conhecida por realizar importantes reportagens. Uma delas levou a saída de Azevedo de Amaral. Ele, que tinha fortes ligações com o Estado Novo, foi induzido por Wainer a escrever sobre a verdade em relação à existência de resistência popular na guerra da Espanha. O assunto era vetado pelo DIP e a matéria só saiu graças à influência de Azevedo Amaral. Depois do sucesso da reportagem, o DIP e o próprio autor da matéria perceberam o "perigo" dentro da redação de *Diretrizes*.

Depois de alguns graves problemas com a censura, *Diretrizes* se viu obrigada a encontrar um novo filão para explorar. O nacionalismo passou a ser um tema recorrente. Segundo Samuel Wainer, grandes reportagens foram realizadas nessa linha. Denunciaram a infiltração de agentes do nazismo no sul do país, contaram casos e incidentes envolvendo personalidades da alta sociedade paulistana, delataram a venda de ações falsas da Companhia Siderúrgica Nacional com envolvimento de militares, conseguiram um depoimento do assassino de Euclides da Cunha que mudou a versão oficial do caso, além de abordarem amplamente a questão do petróleo nacional.

Segundo Wainer, *Diretrizes* chegou a atingir a tiragem de vinte mil exemplares, uma marca elevada para os padrões da época. O fechamento da revista ocorreu por conta de uma entrevista idealizada pelo próprio Wainer com Fernando Lacerda, dirigente comunista e único brasileiro a ingressar no Komintern, cérebro da revolução comunista mundial. A reportagem, além de não apresentada ao DIP, foi rodada em sigilo de madrugada. Samuel e Fernando foram presos e a revista perdeu o direito à cota de papel que garantia a sua impressão.

Foram apenas vinte oito dias de prisão, mas temendo represarias do Governo, Wainer, seguiu para o seu primeiro exílio. Passou por Buenos Aires e Paraguai até chegar aos Estados Unidos trabalhando como correspondente do jornal *O Globo*. Samuel aproveitou a experiência para amadurecer como profissional e ter seu primeiro contato com o modelo norte-americano de jornalismo:

A sociedade americana sempre me fascinou, conviver com ela me ajudara a amadurecer. Eu ali vivera uma riquíssima experiência profissional. A imprensa americana é a melhor do mundo, e eu passava horas, às vezes dias inteiros, examinando a forma e o conteúdo dos jornais locais. Fascinava-me também a

figura mítica do jornalista americano, cujo estereótipo é o herói que costuma aparecer nos filmes de Hollywood. Aprendi a avaliar, em meus tempos de Estados Unidos, a força da imprensa. (WAINER, 1988. p.80)

Ao voltar para o Brasil, Wainer tentou reabrir *Diretrizes* e transformá-la em um jornal diário. A tentativa, contudo, fracassou. O lançamento se deu na mesma época em que seriam realizadas as primeiras eleições pós Estado Novo, o foco das publicações estava na política, mas a população se desabitudara a se interessar por eleições. A repercussão foi baixa. Wainer passou o controle de *Diretrizes* para João Alberto, mito do tenentismo, e viajou para Europa, como correspondente de guerra pela própria *Diretrizes*.

Nessa nova temporada no exterior, Wainer realizou reportagens que contribuíram para sua autoafirmação como jornalista presente na construção da história. Foi o único jornalista latino-americano a cobrir as sessões do Tribunal de Nuremberg, julgamento dos criminosos de guerra nazistas. Realizou reportagens sobre o tema para *Diretrizes* e para a BBC de Londres. E foi o único a conseguir romper a regra que não permitia que réus fossem entrevistados. Através de um dos encarregados da defesa conseguiu uma declaração de Karl Doenitz, homem abaixo apenas de Hitler, atestando a importância valiosa que o esforço de guerra brasileiro exerceu na derrocada alemã.

Durante um dos intervalos de Nuremberg, esteve na Espanha, a princípio para uma viagem curta, mas o faro jornalístico mostrou um filão a ser explorado. Realizou uma densa cobertura sobre a existência de uma oposição que sobrevivera a Guerra Civil e a perseguição que sofriam por parte do Governo de Franco. Pouco tempo depois esteve na Iugoslávia e foi o primeiro brasileiro a entrevistar o Marechal Tito.

Wainer ficou na Europa entre 1945 e 1947. Quando voltou ao Brasil, se desligou de *Diretrizes* e logo entrou para os Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Foi convidado para assumir a chefia de *O Jornal*, o principal jornal do império de Chateaubriand, e exigiu um salário altíssimo. Segundo Wainer, o equivalente a vinte salários mínimos da época. "Eu nunca havia vivido o dia-a-dia de um jornal diário. E sabia ser indispensável conhecer por dentro o ventre desse mostro, compreender os interesses que ali se cruzavam, absorver os detalhes técnicos de sua confecção". (WAINER, 1988, p.101)

Durante sua chefia em *O Jornal* realizou mudanças que logo aumentaram a tiragem do periódico. Mas apesar do aumento das vendas, Chateaubriand achava que

estava sendo gasto muito dinheiro. Ambos concordaram em Wainer deixar a chefia e voltar a ser repórter.

Implantei técnicas de diagramação que não eram utilizadas até então, lancei seções novas, reservei a última página para as grandes reportagens, passei a publicar fotos enormes na primeira página {...} Aumentei os salários da redação, que eram aviltantes - o chefe da seção internacional, por exemplo, ganhava salário mínimo. Tentei, também, convencer Chateaubriand de que ele devia tratar com mais respeito seus funcionários. (WAINER, 1988, p.102)

As divergências entre Assis Chateaubriand e Samuel Wainer eram enormes. Samuel afirma em suas memórias que o dono da cadeia Associados não suportava seus empregados e os desrespeitava frequentemente. Não considerava os horários e se valia do poder de influência de seu jornal para conseguir favores pessoais. Eram muitos os interesses econômicos envolvidos em cada campanha movida pelos Associados. Chantagem e corrupção eram comuns nas redações dos jornais de Chateaubriand. "Ele se impunha mais pelo temor que pelo talento, que era enorme; mais pela agressão que pela cultura, que era vastíssima. Cultivava ódios irremediáveis". (WAINER, 1988, p.104)

Durante sua passagem pelos Diários Associados, Wainer realizou reportagens importantes e era tratado como um grande repórter até mesmo por Chateaubriand. Uma delas foi a cobertura da criação oficial do Estado de Israel, resultado da partilha da Palestina - proclamada em 14 de maio de 1948. Presenciou atentados e conseguiu entrevistar terroristas de uma organização judaica. "De volta ao Brasil, publiquei várias reportagens sobre a Palestina, fui convidado para fazer inúmeras conferências sobre a questão de Israel". (WAINER, 1988, p.111)

A mais célebre reportagem realizada por Samuel Wainer ocorreu enquanto ainda trabalhava nos jornais de Chateaubriand. A história é bastante conhecida. No começo de 1949, o repórter foi enviado à Bagé, que ficava a duas horas de voo de Santos Reis no sul do país, com o objetivo de fazer uma grande reportagem provando que não havia vantagem econômica para o país no esforço que vinha desenvolvendo para aumentar a sua produção de trigo. Durante um almoço, o piloto dos Diários Associados revelou que costumava fazer voos para a Estância Santos Reis levando conhecidos políticos para encontros reservados com Getúlio Vargas. Foi nesse momento que o jornalista decidiu tentar falar com o ex-ditador e conseguiu, assim, uma entrevista que ficou para sempre

marcada na história brasileira. Segundo Ribeiro (2007), a entrevista elevou a tiragem de *O Jornal* de 60 mil para 180 mil no dia da publicação.

Getúlio Vargas, que até então não recebia nenhum jornalista, revelou seus planos de voltar à vida política e declarou a famosa frase: "Eu voltarei, mas não como líder de partidos e sim como líder de massas". Nos dias que se seguiram, Wainer acompanhou de perto toda a campanha presidencial, e paralelamente, ganhou prestígio junto à Chateaubriand que o levou para dentro do círculo de poderosos da época. Neste contexto começou a amizade entre Vargas e Wainer, que teve como principal fruto o jornal *Última Hora*, lançado em 12 de junho de 1951.

3.2 *Última Hora*: a razão de viver

Não foi segredo que a *Última Hora* surgiu a partir do incentivo e apoio político-financeiro do então presidente Getúlio Vargas. Em poucos dias Wainer comprou o moderno prédio do *Diário Carioca*, que vinha passando por problemas financeiros. Em separado adquiriu o controle acionário da gráfica Érica. Separar o jornal de sua gráfica era uma estratégia empresarial ainda pouco utilizada na época. O dinheiro para a compra chegou às mãos de Wainer através de empréstimos em bancos e de favorecimentos de pessoas influentes interessadas na existência do jornal, além de pré-contratos de publicidade. Juscelino Kubitschek, então governador de Minas, foi dos que colaborou para obtenção de recursos.

Saí em busca de três pessoas que me emprestassem 10.000 cruzeiros cada um, subscrevendo ações da Érica. Não tardei em encontrar financiadores. O primeiro deles foi Walter Moreira Salles, então um jovem banqueiro em franca ascensão {...} Depois, entendi-me com Euvaldo Lodi, um poderoso empresário paulista sempre ligado à cúpula da Federação das Indústrias, que ambicionava candidatar-se à sucessão de Getúlio. O terceiro foi Ricardo Jafet, então presidente do Banco do Brasil. Lodi e Moreira Salles, cautelosos, subscreveram as ações mas logo a repassaram a terceiros, para evitar complicações futuras. Jafet também adotou tais cuidados, mas cometeu um escorregão que mais tarde criaria problemas tanto para mim quanto para ele próprio. Em vez de entregar-me diretamente 10.000 cruzeiros, Jafet mandou que o Banco Cruzeiro do Sul, pertencente a sua família, me emprestasse o dinheiro. Em seguida, redescontou esse título no Banco do Brasil e devolveu a quantia ao Cruzeiro do Sul. (WAINER, 1988, p.129)

A *Última Hora* tinha a missão, segundo Wainer, de romper com a frieza que a imprensa em geral estava cobrindo os assuntos relacionados à Vargas. O pensamento era que se outro jornal começasse a constantemente estampar "furos de reportagem" em

suas páginas, então, o restante da imprensa se veria obrigada a dar atenção ao que acontecia com o presidente. "Getúlio resolveu incentivar Wainer a criar a *Última Hora*, cujo objetivo central seria romper com essa 'conspiração do silêncio' que se armara contra ele". (RIBEIRO, 2007, p.122)

O vespertino de Samuel Wainer desde o seu lançamento adotou uma linha nacionalista, com a função de aproximar a população de Vargas. Muitas vezes *Última Hora* cumpria o papel de intérprete das decisões tomadas pelo presidente. A interferência no conteúdo do jornal era frequente. Em vários momentos em suas memórias, Wainer admite que procurou o presidente para saber como deveria se posicionar mediante determinado tema.

Eu costumava consultar Getúlio sempre que surgiam fatos e assuntos diretamente ligados aos interesses do presidente. Ele também me fazia sugestões e transmitia opiniões, regularmente, de viva voz ou através de intermediários. Às vezes mandava bilhetes. Dezenas deles foram interceptados por Lourival Fontes, que mais tarde os entregou a David Nasser para que fossem publicados na revista O Cruzeiro. (WAINER, 1988, p.150)

Como mostramos no capítulo anterior, *Última Hora* foi um jornal diferenciado que implantou diversas mudanças que ajudaram a transformar a forma como era feito o jornalismo até então. É válido frisar que apesar de terem implantado inovações a maior transformação foi reunir todas elas num mesmo período e com o mesmo propósito.

Implantação da diagramação. Dinamismo. Uso da cor. Novo paradigma gráfico. Valorização da fotografia e do fotógrafo. Revalorização da caricatura e das histórias em quadrinhos. Destaque para o noticiário internacional. Pensamento empresarial. Equilíbrio entre o modelo norte-americano objetivista e a valorização das colunas de opinião. Revalorização do folhetim. Além de produzir mudanças nas relações empresariais das empresas jornalísticas com os profissionais. Todos esses fatores tornam *Última Hora* um dos principais jornais na transformação do jornalismo ocorrido na década de 1950.

A *Última Hora* teve um papel muito importante na histórica política nacional, tendo sido o pivô da crise que, em 1954, culminou com o suicídio de Getúlio Vargas. Mas não é apenas por isso que o vespertino figura entre os principais jornais cariocas dos anos 50. Segundo critérios estritamente jornalísticos, o jornal de Wainer talvez tenha sido o que mais contribuiu para a renovação da imprensa brasileira. Suas inovações técnicas iam desde o aspecto gráfico e o conteúdo redacional até as estratégias empresariais. (RIBEIRO, 2007, p.124)

Rapidamente *Última Hora* tornou-se uma das potências da imprensa carioca. Com seis meses de existência, a tiragem do jornal atingia a marca de 50 mil exemplares

e, em um ano, a venda subiu para mais de 100 mil às segundas-feiras. O sucesso e a concorrência que *Última Hora* oferecia levaram vários outros órgãos da imprensa a melhor se aparelharem, além de terem de aprimorar seus conceitos de apresentação e técnicas de distribuição.

O sucesso de *Última Hora* foi um dos responsáveis pela decadência de dois vespertinos cariocas bastante tradicionais: A Noite e o Diário da Noite. Seu crescimento, por outro lado, impulsionou o seu mais forte concorrente, *O Globo*, a se modernizar, com a compra de novos equipamentos e a construção da nova sede. (RIBEIRO, 2007, p.128)

Já em 1952, o empreendimento começa a se expandir. Com o aval do presidente e a ajuda do conde Francisco Mattarazzo, surge a *Última Hora* paulista. No ano seguinte, Wainer lança o semanário *Flan*. "Nessa época, a cadeia jornalística já contava com um complemento radiofônico: a Rádio Clube do Brasil. Wainer a havia adquirido de Hugo Borghi, assumindo as suas dívidas com o Banco do Brasil." (RIBEIRO, 2007, p.128)

Última Hora paulista foi lançada com um propósito parecido do que tivera o jornal carioca: levar aos paulistas um diário de apoio ao governo Vargas. Assim como no Rio de Janeiro, a imprensa de São Paulo ignorava os assuntos relacionados ao presidente. Com grandes reportagens e com a mesma linha inovadora já utilizada no então Distrito Federal, o jornal paulista também foi sucesso. Segundo Wainer, a tiragem chegou, em pouco tempo, a 150 mil exemplares.

O semanário *Flan* era um tabloide composto por quatro cadernos com oito páginas cada, todos com a primeira página em cores. Abordava assuntos regionais, esporte e cultura, além de política nacional e internacional. Inicialmente o semanário alcançou grande sucesso. Quanto à rádio, a intenção de Wainer era ter um veículo que aumentasse ainda mais a popularidade dos seus jornais. Essa expansão, contudo, foi, segundo Wainer, um erro político.

O conteúdo que Wainer defendia em seus jornais, o nacionalismo e o trabalhismo com apoio incondicional a Getúlio Vargas, além do fato de Samuel Wainer não pertencer a uma família tradicional de imprensa feriam os interesses dos grandes "barões" que dominavam o mercado jornalístico da época. Assis Chateaubriand e Carlos Lacerda foram os principais nomes de oposição ao proprietário da *Última Hora*, movendo contra Wainer uma das maiores campanhas da história da imprensa no Brasil. Devido a essas pressões, *Flan* perdeu publicidade e não resistiu por muito tempo. E a

rádio, devido a um erro administrativo descoberto pelos adversários⁸ de Wainer, teve sua concessão confiscada.

O jornalismo sempre fora uma atividade dividida entre alguns grupos familiares. O mercado era dominado por uns seis ou sete "barões" como Wainer os chamava: os Mesquita de *O Estado de S. Paulo*, os Marinho de *O Globo*, os Bittencourt do *Correio da Manhã* e Assis Chateaubriand dos Diários Associados, entre outros. (RIBEIRO, 2007, p.128)

Samuel Wainer além de romper com a característica patrimonial da imprensa brasileira, também não era um grande empresário ou tinha qualquer laço com alguma família tradicional. Era um imigrante de família pobre que havia trabalhado apenas para jornais alheios. *Última Hora* ainda provocou comentários e irritação no mercado jornalístico por impor novos padrões de produção e, principalmente, por elevar os salários de jornalistas.

A campanha articulada, inicialmente em especial, por Carlos Lacerda chegou - à televisão através da TV Tupi, de Chateaubriand, à rádio, pela Rádio Globo, de Roberto Marinho, além de ocupar, com frequência, páginas de jornais e de revistas. Foi instaurada uma Comissão Parlamentar de Inquérito levando as acusações de *dumping*, concorrência desleal e favoritismo oficial ao Parlamento. Posteriormente, Samuel Wainer sofreria, ainda, um processo por falsificação ideológica sendo acusado de não ter nascido no Brasil.

Depois de algumas reportagens denunciarem que *Última Hora* recebera empréstimos milionários dos cofres públicos, o próprio Samuel Wainer sugeriu a implantação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito. Em 27 de março de 1953, através da proposta oficial do deputado udenista Armando Falcão, foi instalada a CPI na Câmara dos Deputados. Em defesa de Wainer, alguns políticos conseguiram ampliar a investigação para toda a imprensa, pois não era apenas a *Última Hora* que recebia empréstimos de órgãos do governo com condições especiais.

Segundo Ribeiro (2007), foram 44 reuniões públicas em 90 dias. Armando Falcão, Carlos Lacerda e Samuel Wainer apresentaram suas teses. As publicações "O preto no branco", de Carlos Lacerda e "O livro branco da imprensa amarela", de Samuel Wainer, reproduzem as exposições escritas apresentadas durante o inquérito. Wainer foi submetido a um interrogatório com mais de 180 perguntas, orientado por Aliomar

⁸ Samuel Wainer não pediu autorização ao Ministério da Viação, ministério que supervisionava empresas radiofônicas na época, para transferir suas ações para Marques Rabello.

Baleeiro. E ficou preso, durante dez dias, por desacato ao Congresso já que se negou a revelar os nomes dos quatro amigos que lhe ajudaram com empréstimos pessoais no início de seu empreendimento jornalístico.

"Era uma guerra sem quartel, sem tréguas, sem limites. O objetivo dos meus inimigos - destruir a *Última Hora* - não seria alcançado sem que eu fosse destruído, e precisamente por isso as agressões pessoais não conheciam fronteiras." (WAINER, 1988, p.179). Carlos Lacerda ia à televisão com um quadro negro a fim de esclarecer a população que os supostos crimes cometidos por Wainer estavam ligados ao governo Vargas. Explicava através de diagramas essas relações e atendia telefonemas de espectadores a fim de sanar suas dúvidas. "Lacerda talvez tenha sido um dos primeiros políticos capaz de utilizar performativamente os recursos da comunicação, tanto do jornal, quando do rádio e da TV." (RIBEIRO, 2007, p. 133)

De um lado, O Globo, sofrendo a concorrência ilegítima, porque favorecida e subvencionada, da *Última Hora*; *O Globo* sentindo na própria carne; de outro lado, o Chateaubriand sentindo o *Diário da Noite* afundar, desaparecer, pela mão daquele sujeito a quem ele tinha incumbido de fazer a entrevista, que ele tinha tirado da ruína da revista *Diretrizes* e ressuscitado na imprensa. Então os dois, primeiro Chateaubriand, com quem eu tinha trabalhado uns dois anos, me abriram a televisão e o rádio. (LACERDA, 1978, p.126)

Para explicitar a sua denúncia quanto à nacionalidade do proprietário da *Última Hora*, Lacerda chegou a desenhar a árvore genealógica dos Wainer em seu quadro negro na televisão. As acusações a esse respeito se iniciaram com uma reportagem do *Diário de São Paulo*, pertencente aos Diários Associados de Chateaubriand, com a manchete: "Wainer não nasceu no Brasil". Instalou-se então um processo por falsificação ideológica que condenou José, irmão de Samuel Wainer, por ter falsificado o livro de estrangeiros na Alfândega, a quatro anos de prisão. Samuel foi condenado a um ano de reclusão, mas recebeu uma sentença favorável do Supremo Tribunal Federal e foi solto. Seu irmão teve que sair do país. (Ver anexo III)

A questão da nacionalidade afetava Samuel Wainer em dois aspectos. Primeiramente a lei brasileira proibia que estrangeiros fossem donos ou acionistas de empresas jornalísticas. Essa questão ainda atingia diretamente a credibilidade de Wainer quanto ao seu posicionamento nacionalista, defendido em sua linha editorial na *Última Hora*.

Segundo Ribeiro (2007), o objetivo principal da campanha era atingir Getúlio Vargas e enfraquecer seu governo. Embora a CPI não tenha conseguido incriminar Samuel Wainer provocou grande desgaste na imagem do governo e implicou um golpe forte na estabilidade de *Última Hora*. As pressões levaram Getúlio Vargas mandar executar a dívida da Érica com o Banco do Brasil. Wainer afirma em suas memórias que sugeriu ao presidente uma negociação com "barões" da imprensa em que a execução da dívida da *Última Hora* seria dada em troca de apoio ao governo, mas o presidente apenas mandou executar a dívida. Wainer conseguiu estender o prazo de um dia para oito e pagou o débito.

Tratava-se de mais um fato inédito na história da imprensa brasileira - aliás, eu já me tornara um contumaz protagonista de situações inéditas. Não havia um único dono de jornal que não devesse ao Banco do Brasil; Assis Chateaubriand, por exemplo, sempre deveu milhões. Pois o primeiro a ter a dívida executada, e em 24 horas, era precisamente um amigo do presidente da República. (WAINER, 1988, p.194)

Última Hora passou por dificuldades por conta da retirada maciça de publicidade ocorrida porque os empresários tinham medo de sofrer represálias por estarem anunciando no jornal de Wainer. Muitos repórteres tiveram que ser dispensados, o equipamento foi levado como garantia da dívida. O jornal teve que se mudar para uma sede mais humilde, na Praça da Bandeira, e utilizar maquinários velhos. Quando os antigos equipamentos foram devolvidos estavam faltando partes e o que restou não podia mais ser aproveitado.

A eterna rixa entre Samuel Wainer e Carlos Lacerda contribuiu para que certas reportagens peculiares fossem escritas na imprensa brasileira. Enquanto Chateaubriand mandava repórteres à procura do restou da Bessarábia e Lacerda desenhava em seu quadro negro a genealogia dos Wainer, Samuel colocava o apelido de lanterninha na *Tribuna da Imprensa*. A caricatura ganhou destaque naquele momento. Wainer contratou os caricaturistas Augusto Rodrigues, Nássara e Lan, que desenhava a famosa imagem de Lacerda como um corvo. Já Lacerda contratou a caricaturista Hilde Weber, que produziu, por exemplo, a ontológica caricatura de Vargas sentado em um trono acompanhado da frase "Daqui não saio". (Ver anexo IV)

Em meio a este cenário de instabilidade política ocorreu um fato que culminaria com o suicídio do presidente Vargas: o atentado da Rua Tonelero. Carlos Lacerda se aproximava do seu apartamento, no bairro de Copacabana, quando foi atacado por

vários disparos. O Major Rubens Vaz que o acompanhava foi atingido no peito e morreu, Lacerda foi acertado no pé. Após uma investigação realizada pelo comando da Aeronáutica, ficou comprovado que o mandante do crime foi Gregório Fortunato, chefe da guarda pessoal do presidente. O episódio gerou uma das maiores crises políticas por qual o Brasil passou, levando o presidente a cometer o suicídio deixando uma carta testamento com a famosa frase: "Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História".

Após o suicídio, a população que apoiava o presidente se voltou contra aqueles, que segundo eles, foram responsáveis pela morte de seu líder. Segundo Wainer, multidões revoltadas impediram vários jornais de circularem e a *Última Hora* chegou a vender quase 800 mil exemplares com a manchete: "Ele cumpriu a promessa", em referência à manchete publicada na véspera na qual o presidente afirmava que só sairia morto do Catete. O populismo ganhou força, levando Juscelino Kubitschek, o candidato dos órfãos de Getúlio, à presidência. (Ver anexo V)

Com a vitória de Kubitschek nas urnas, a situação da *Última Hora* melhorou. O novo presidente, interessado em manter Wainer como aliado, o ajudou a liquidar as dívidas de seu jornal. Novos empréstimos e favorecimentos ajudaram a expandir sua cadeia jornalística tornando-a uma rede nacional. Segundo Wainer, no início dos anos 1960, a *Última Hora* estava no Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Niterói, Belo Horizonte e Recife. Em cada estado estabeleciam-se fortes vínculos com políticos locais.

O esquema adotado para suprir as onze edições nos sete estados da rede *Última Hora* foi o serviço de *copyright* da Rede Nacional, uma espécie de agência de notícias que incluía em seus serviços outras empresas jornalísticas além da *Última Hora*. Havia unidade editorial e todos os jornais possuíam o mesmo título formando a Rede Nacional de *Última Hora*. Apenas as matérias de interesse unicamente carioca eram substituídas por outras de relevância local.

Em toda a história da imprensa brasileira, foi o único grupo que publicou edições de um mesmo jornal em vários estados, constituindo uma cadeia homogênea, tanto em termos de mensagem como de organização. (RIBEIRO, 2007, p.142)

Última Hora continuou bem relacionada com o governo, depois de Juscelino Kubitschek com João Goulart, e em franca ascensão quando o golpe militar de 1964 lhe

foi fatal. Wainer teve que partir para o exílio e sem o seu cérebro os jornais enfraqueceram. A censura também foi um fator para que os jornais perdessem sua força política e com isso leitores e publicidade.

A *Última Hora* paulista passou em 1965 para o controle do grupo Folha, de Otávio Frias e Carlos Caldeira, e fechou em 1979. Os jornais nos outros estados também foram transferidos para outros proprietários ou simplesmente fechados. Só a *Última Hora* carioca resistiu. Mas, como teve de ir paulatinamente sacrificando a parte editorial - reduzindo o número de páginas, dispensando grandes colunistas etc. -, o jornal foi também pouco a pouco perdendo leitores. (RIBEIRO, 2007, p.143)

A péssima situação econômica do jornal levou a formas de pagamento de salários inusitadas. Samuel Wainer conta em suas memórias que no lugar de dinheiro, muitas vezes, os funcionários recebiam eletrodomésticos como remuneração. "Um funcionário qualquer se aproximava de mim e informava: Minha mulher me disse que, se eu não conseguir comprar leite, é melhor não voltar para casa." (WAINER, 1988, p.280)

No dia 21 de abril de 1972, Samuel Wainer, vendeu a *Última Hora* carioca para o empreiteiro Maurício Nunes de Alencar, da Cia. Metropolitana, mesmo grupo que controlava o *Correio da Manhã*, onde o jornal passou a ser produzido. Dois anos depois, *Última Hora* passou para as mãos de Ary Carvalho, do consórcio Arca Editoria S.A e se manteve em atividade por mais nove anos. "Depois, sozinho no prédio vazio, dei-me conta que a minha grande aventura terminara." (WAINER, 1988, p.281)

Depois da venda da *Última Hora*, em 1971, Samuel Wainer fundou a revista *Domingo Ilustrada*, editada pela editora Bloch. Entre 1973 e 1975 voltou a *Última Hora* paulista, sob o controle do grupo Folhas, como redator-chefe. No fim de 1975 tentou consolidar o semanário *Aqui São Paulo*. No ano de 1977, Wainer possuía uma pequena coluna na *Folha de S. Paulo* assinada apenas pelas iniciais SW. Augusto Nunes, no epílogo do livro de memórias de Wainer, afirma que essa foi a atividade pós *Última Hora* de que mais se orgulhou o jornalista. Ainda, entre 1978 e 1980, foi editor assistente da Carta Editorial e da Editora Três.

Samuel Wainer morreu em São Paulo, em 2 de setembro de 1980. Não acumulou nenhuma riqueza material. Genílson Gonzaga relata que ao visitar Wainer, nos tempos da *Folha de S. Paulo*, o jornalista morava em um quarto e sala conjugado. "Não havia mesa, a máquina de escrever, uma Olivetti Lettera, ficava sobre a única cadeira. Ele

dormia num sofá-cama. Roupas, escassas, acomodadas no chão, misturadas com livros, revistas e jornais velhos." (GONZAGA *apud* BARROS, 1993, p.207)

4- Samuel Wainer e construção de sua própria memória.

Joëlle Rouchou em seu livro: **Samuel duas vozes de Wainer** (2004) faz uma ampla pesquisa baseada nas mil e trezentas páginas datilografadas, resultado de cinquenta e três fitas de depoimento do próprio Samuel Wainer que resultaram no seu livro de memórias **Minha razão de viver** (1988). A autobiografia de Samuel Wainer é fruto de entrevistas concedidas aos jornalistas Sérgio de Souza e Marta Góes, e, organizadas após a morte de Wainer, pelo jornalista Augusto Nunes.

A autora dividiu e catalogou os trechos do depoimento em diversas categorias que explicitariam a identidade de Samuel Wainer: jornalista, brasileiro, político, judeu, pai, sedutor. Com isso, sintomatizou a presença de duas vozes centrais: a voz pública (jornalista) e a voz privada (judeu).

Aqui trabalharemos a voz do jornalista. Serão utilizadas falas de Samuel Wainer em trechos de seu livro **Minha razão de viver** (1988) e alguns dos relatos usados por Joëlle Rouchou retirados das fitas gravadas com a voz do dono da *Última Hora*, além de entrevistas concedidas à *Folha de São Paulo* e ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC). Ampliando a voz jornalística presente no discurso de Wainer, será analisado o desejo de se colocar na história através da profissão. Samuel Wainer se autointitula como um jornalista presente e, em alguns momentos, atuante na construção da história.

Com todas essas falas, Wainer constrói sua memória como sendo um jornalista que foi observador privilegiado da história. Considerando, como enfatiza Pollack (1992), que memória é um processo seletivo, Wainer enfatiza a lembrança de alguns fatos, assim como esquece outros. Esse processo de construção de memória é o que será abordado a seguir.

4.1 A organização da memória: lembrança e esquecimento

"Identidade e memória são de tal forma indissociáveis que podemos afirmar que sua distinção ocorre apenas para fins conceituais". (BARBOSA, 2007b, p.41) Para Paul Ricoeur (2007), a construção da identidade está ligada há vários aspectos e pode ser comparada a uma operação narrativa ou uma autobiografia, sendo um processo

consciente de contar algo para si mesmo e para o outro. E, muito do que os outros e o próprio indivíduo fala sobre si é construído a partir de lembranças. Portanto, a memória é fundamental para a construção de processos identitários.

Pollack (1987) reforça essa questão sob o ponto de vista de Halbwachs (1990) acrescentando que além de ser um processo seletivo, a memória é um trabalho de negociação. É necessário haver uma concordância entre as lembranças do indivíduo e do outro, existindo suficientes pontos de contato entre as rememorações que reconstroem uma base comum.

Barbosa (2007b) cita Joël Candeau (1998) ao considerar que a memória funciona como uma espécie de lugar de nutrição da identidade. Assim, os indivíduos fazem escolhas dentro de seu repertório de vivências - exaltando determinados fatos e excluindo ou menosprezando outros - a fim de definir sua imagem pessoal e a forma como desejam ser vistos pela sociedade.

Considerando a importância da memória para a construção da identidade, ou como Ricoeur (2007) define a manutenção de si mesmo através do tempo, o esquecimento torna-se fundamental. Afinal, os indivíduos são formados por suas lembranças, que inclui sempre a categoria esquecimento, e que se expressa, tal como conceitua Halbwachs (1990), através dos quadros sociais da memória, na qual a linguagem ocupa papel central.

Na sociedade oral da Grécia antiga, a palavra possuía uma função realizadora. Dizer era equivalente ao ato. Assim como, a verdade não era o oposto ao falso, mas sim, ao esquecimento. A verdade era a memória. Detienne (1988) define os detentores do poder de gerir a memória - poetas, reis e sacerdotes - como os mestres da verdade. A memória significava, portanto, a verdade daquela civilização.

Aproximando a temática desse trabalho da questão da memória e, sobretudo, da dialética lembrança e esquecimento, podemos dizer que o desejo de Wainer era que sua história e sua participação na narrativa de uma época da imprensa brasileira não fossem colocadas na dimensão do esquecimento. Sua autobiografia pode ser pensada como desejo de produzir um lugar de memória, que segundo Barbosa (2006), a partir da conceituação elaborada por Pierre Nora (1986), seria lugares específicos criados com o objetivo de lembrar. A função desses espaços com vontade de memória é parar o tempo e bloquear o trabalho do esquecimento.

A autobiografia funciona como uma sistematização de sua própria história e sua memória, reforçando a sua identidade (no qual o seu lugar de jornalista é destacado), produzindo a partir desse movimento a sua própria legitimação. Wainer se autorreferencia e constrói para si uma imagem de jornalista apaixonado por sua profissão. Barbosa (2006) destaca, contudo, que a memória é também um objeto de poder que espelha lutas e negociações pelo domínio da recordação e do passado. A prática mnemônica de Wainer, sua autobiografia, poderia ser considerada como reflexo da sua vontade de permanecer na história. Conservar-se como indivíduo importante nas cercanias do poder.

Samuel Wainer constrói para si uma identidade, sobretudo jornalística, essencialmente sendo um repórter em tempo integral e, graças a isso, presente na história. Em sua autobiografia ou em entrevistas, fatos que exaltam a sua figura com jornalista vitorioso são amplamente lembrados em todos os seus detalhes. Enquanto em relação a temas mais dolorosos ou vexatórios há um esforço maior para lembrá-los, pois são pressionados pelo esquecimento.

O acontecimento de que mais se orgulha Wainer em toda a sua carreira como jornalista foi a entrevista que realizou com Getúlio Vargas, o recolocando na cena política do país. Segundo Rouchou (2004), o relato de Wainer sobre a epopeia de sua reportagem rendeu 23 laudas de transcrição. "É curioso notar a riqueza de detalhes do relato. Samuel lembra todos os gestos do presidente, fala de seus sentimentos." (ROUCHOU, 2004, p.53).

Esse fato reflete a memória de algo que lhe dá orgulho, que reforça a sua autoimagem como jornalista: o repórter que sabe onde o acontecimento está e por isso observa a história ser escrita de uma posição privilegiada. Daí a lembrança automática de gestos, datas e lugares. Em contrapartida, Rouchou (2004) afirma que quando Wainer pretende relatar o processo que sofreu por falsidade ideológica, movido por seu ex-amigo Carlos Lacerda, não consegue rememorar alguns fatos e precisa da ajuda do amigo Moacyr Werneck de Castro para remontar a história com exatidão.

Assim como Pollack (1989) relata sobre o desejo dos sobreviventes dos campos de concentração de permanecerem no silêncio, mesmo após serem libertados, quando retornam à Alemanha ou à Áustria; Wainer também deseja, mesmo que possivelmente de forma inconsciente, esse silêncio. O silêncio dos sobreviventes é reflexo de um

sentimento de culpa oculto, que poderia ser partilhado por Wainer já que realmente não era brasileiro e, por isso, não poderia ser dono de jornal.

Ao falar sobre o tema em sua autobiografia, Samuel Wainer procura justificar a sua posição relatando que pessoas boas, de tradicionais famílias judaicas e de todas as posições sociais afirmaram ter assistido a sua circuncisão, reforçando sua nacionalidade brasileira, e, portanto, "se eu hoje confirmasse uma eventual chegada ao Brasil com dois anos, eu iria contrapor o testemunho de gente de bem, da melhor qualidade; portanto não é verdadeiro, eu nasci no Brasil". (WAINER *apud* ROUCHOU, 2004. p.155)

Assim como os sobreviventes que, por uma questão de proteção, preferem o silêncio para evitar um mal entendido sobre uma questão tão grave, Wainer prefere calar-se sobre sua real nacionalidade. A preocupação é não denegrir a imagem de bons judeus. Em ambos os casos, há uma propensão ao esquecimento e, por isso, um desejo de se abster do relato.

A fala de Wainer revela o desejo de manter a linha reveladora de sua autobiografia, explicitando sua situação como estrangeiro. A necessidade do silêncio, contudo, é colocada com justificativa em respeito a pessoas queridas que mentiram para ajudá-lo, reforçando, assim, o seu sentimento de culpa. Não é um assunto que lhe agrade, é algo que possivelmente lhe envergonha, por isso o esquecimento e a necessidade de ajuda (no caso de Moacir Werneck de Castro) para lembrar.

Wainer define sua autobiografia como reveladora e relata que muitos dos fatos contados são pela primeira vez confessados - a ajuda financeira de Juscelino Kubitschek e as ideias de Vargas para a criação da *Última Hora* são exemplos. Assim como muitos sobreviventes dos campos de concentração, observados por Pollack (1989), Wainer decide revelar no fim de sua vida fatos que ficaram por muito tempo reservados ao silêncio seja por motivos familiares ou políticos. O objetivo, em ambos os casos, é deixar um legado. Wainer entende que sua história de vida pode ajudar aos novos jornalistas na tomada de decisões durante sua vida profissional.

Outro fenômeno observado por Pollack (1989) é o desejo de muitos dos sobreviventes de voltar aos campos de concentração, testemunhar para poder esquecer e, assim, ter de novo uma vida normal. Ao falar sobre a questão da sua nacionalidade, Wainer também revela o máximo que sua consciência permite para, por fim, relegar esse momento dramático da sua vida a um esquecimento profundo (RICOUER, 2007).

Rouchou (2004) quando destaca a efervescência de lembranças relativas à canônica entrevista com Getúlio Vargas associa o conceito de lembrança individual como limite das interferências coletivas, de Halbwachs (1990). A reportagem não só mudou a vida de Samuel Wainer, propiciando o surgimento da *Última Hora*, como também escreveu um capítulo na história da imprensa brasileira. O acontecimento caiu no domínio público, sendo contado e recontado inúmeras vezes. Mesmo que haja elementos inseridos por outros, há a ilusão de que as convicções e sentimentos narrados nasceram apenas de Wainer.

É possível que o indivíduo atribua a si mesmo ideias e reflexões, ou até mesmo sentimentos, que foram inspirados pelo grupo. Não se sabem onde começam essas lembranças, se no indivíduo ou nos outros. Samuel conta com desenvoltura essa história e tem-se a impressão que ele vem contando essa experiência muitas vezes ao longo da vida. (ROUCHOU, 2004, p.53)

A forma como a voz de Wainer é apresentada durante o seu relato é mais uma questão abordada por Rouchou (2004) e que enfatiza novamente a dialética lembrança e esquecimento. Enquanto Samuel Wainer fala sobre suas rotinas jornalísticas, suas reportagens, a *Última Hora* e a luta para salvar seu jornal durante as campanhas adversas sua voz é de paixão. É uma voz enérgica, exultante e que representa o prazer em falar sobre a sua razão de viver. São reflexos de uma memória efusiva e prazerosa. "A *Última Hora* começava a nascer, e eu a encontrar a minha razão de viver". (WAINER, 1988, p.127)

Já quando fala sobre temas decepcionantes e tristes, como os problemas que a *Última Hora* paulista enfrentou com Igreja Católica após publicar uma charge de Pelé com o rosto de Nossa Senhora ou a venda da *Última Hora* carioca, a voz do memorialista é amarga. Esses assuntos são difíceis de serem abordados. A voz de Wainer encarna o sofrimento vivido naqueles momentos desfavoráveis. São memórias que se deslocam para o esquecimento, para o silêncio, e que só são reavivadas mediante as perguntas do entrevistador. "Tais dificuldades, num primeiro momento, envolveram a luta numa atmosfera romântica. Mas todos sabíamos que não poderia ser sempre assim, e não demorei a constatar que passara a hora do romantismo." (WAINER, 1988, p.186)

O esquecimento, assim como a lembrança, possui igual importância na construção da memória. O processo de montagem da memória é uma seleção. Ricoeur (2007) ao caracterizar o conceito de memória manipulada faz uma comparação com a

narrativa. Assim como a memória, "qualquer narrativa enseja uma seleção e, portanto, certo esquecimento contido em uma outra maneira de dizer". (BARBOSA, 2007b, p.43)

A forma como Wainer organiza seu relato, nas entrevistas para biografia, é mais um sinal sobre a maneira como organiza a memória. O memorialista não obedece à cronologia, mas privilegia momentos especiais de sua vida. Wainer realizou coberturas jornalísticas importantes, o Tribunal de Nuremberg e a criação do Estado de Israel são exemplos, mas dá preferência a outras lembranças. Inicia seu relato com a entrevista com Vargas e os desdobramentos do seu feito.

Os cinco capítulos iniciais são dedicados apenas à entrevista realizada com Vargas, digressões sobre a personalidade do então candidato à presidência e a forma como Wainer lhe foi fiel durante toda a campanha. Os doze capítulos seguintes falam sobre o início de sua carreira, sua afirmação como jornalista, as importantes reportagens internacionais e a passagem pelos Diários Associados. A primeira parte do livro é marcada pelo desejo de se autoafirmar como um jornalista importante para a história da imprensa e como, com orgulho, o repórter que chegou ao íntimo da família Vargas.

A segunda parte do livro se inicia com o relato sobre o surgimento da *Última Hora*. Wainer narra em cinco capítulos a criação do jornal, suas inovações, seu impacto na sociedade carioca e a forma como rapidamente estabeleceu-se como um dos principais vespertinos da época. A voz do memorialista é exultante e as palavras escolhidas mostram que Wainer vivia seu melhor momento. "O jornal era a minha vida (...) a aventura da *Última Hora* me absorvia quase integralmente e, mesmo quando eu ficava em casa, minha mente viajava para aquele mundo que eu começava a construir." (WAINER, 1988, p.154)

Os seis capítulos seguintes abordam os problemas enfrentados pelo memorialista diante da CPI e do processo de nacionalidade. O tom da voz de Wainer não é mais o mesmo, mas amargo e desmotivado. São lembranças ruins e fadadas ao desejo de silenciamento.

O fim da *Última Hora*, contudo, deveria ser negociado politicamente - e a bom preço. Sugerir a Getúlio que chamasse para uma conversa reservada os donos dos jornais que nos atacavam e fizesse uma proposta: se passassem a apoiar o governo, meu jornal deixaria de existir. {...} Já que eu fizera um quadro de Picasso, que ele fosse para o museu com dignidade. (WAINER, 1988, p.193)

Nos próximos cinco capítulos, Wainer fala sobre a volta dos tempos de glória, com a chegada de Juscelino Kubitschek à presidência. É interessante perceber que,

mesmo com a expansão da cadeia *Última Hora* e a volta ao livre acesso do poder, a voz de Wainer não reflete mais o mesmo entusiasmo dedicado ao relato sobre a entrevista com Vargas e ao lançamento de seu jornal. Fica claro que as lembranças mais acessas e o momento de maior orgulho na memória do jornalista foram outros.

Por fim, Wainer dedica apenas três capítulos ao momento mais trágico de sua vida: o fim da *Última Hora*. Não há muito o que falar, o desejo de esquecimento se acentua. O último parágrafo de seu livro é emblemático em caracterizar o sofrimento de Wainer com esse desfecho: as palavras são amargas e há silêncios sobre os possíveis reais sentimentos.

Às 12 horas do dia 21 de abril de 1972, quando saí do escritório de Maurício Alencar, a *Última Hora* já não era minha. A próxima edição seria rodada nas oficinas do *Correio da Manhã*, com outra linha editorial, outra equipe, outra alma. Fui para o prédio da *Última Hora* e convoquei meu pessoal para comunicar-lhe o desfecho de um capítulo importantíssimo da história do jornalismo brasileiro. Depois, sozinho no prédio vazio, dei-me conta de que minha grande aventura terminara. (WAINER, 1988, p.281)

"O espaço dedicado a Chateaubriand é revelador. Talvez como um espelho que Wainer não quisesse olhar. Ele aponta todos os defeitos do empresário como sendo tudo aquilo que execrasse". (ROUCHOU, 2004, p.76) Wainer repudia a forma como Assis Chateaubriand lidava com os seus funcionários nos Diários Associados, pois, para ele, o jornalista deveria ser valorizado e respeitado. Para Wainer, Chateaubriand lidava com o ofício apenas sob a ótica empresarial, não era um jornalista no comando de uma cadeia. Era um empresário disposto a tudo pelo lucro.

Samuel Wainer estende sua repulsa para a corrupção e os favorecimentos que comumente ocorriam nos jornais da época. Rouchou (2004) então se pergunta se Wainer seria tão ingênuo a ponto de não saber que, mesmo em seu jornal, até o mais simples repórter tentaria ajudar um amigo quando a matéria permitir? Ou que o próprio não tivesse usado de um de seus jornais ou revistas, através de uma pequena nota, para conquistar alguma moça pelo qual tenha se encantado?

Então, esse ódio, aparentemente tão ético, poderia esconder, uma inveja pelo poder e pelo dinheiro conquistados por Chateaubriand durante a vida. Wainer talvez quisesse ter tido a cadeia dos "Associados" para fazer o que ele acreditava ser a imprensa para o povo. (ROUCHOU, 2004, p.76)

Durante seu próprio relato, Wainer confessa que precisou realizar muitas vezes medidas não éticas, e até mesmo não legais, para conseguir o dinheiro necessário para a manutenção de seus jornais. Usa, contudo, o jornalismo como escudo de proteção contra

qualquer acusação. Todas as situações são respaldadas pela justificativa de que nada teria uso pessoal, o destino seria sempre os jornais. Wainer acreditava que transgredir leis em prol de uma boa matéria ou informação, pelo jornalismo, era uma causa mais do que justa. E isso era motivo de orgulho.

Uma vez por mês, ou a cada dois meses, eu visitava os empreiteiros e recolhia suas doações, juntando montes de cédulas que encaminhava as mãos de João Goulart. Se não tivesse escrúpulo algum, eu poderia simplesmente ter subtraído parte dessa fortuna para colocá-la nos bolsos. Nunca agi assim, e hoje sinceramente me arrependo de tais pudores. Em determinados negócios nessa área, é verdade, recebi quantias consideráveis, que correspondiam a minha participação nas etapas que haviam precedido o acerto final. Mas sempre apliquei essas verbas na *Última Hora*, jamais as utilizei em proveito pessoal. (WAINER, 1988, p.238)

Wainer, em vários momentos, procura justificar seus tropeços éticos em nome do jornal. Essa atitude permite perceber um desejo íntimo de não ter agido dessa forma. O memorialista, mesmo de forma inconsciente, tenta enganar sua memória. Justificando seus atos, Wainer empenha-se em se enquadrar em seu próprio conceito de jornalista ideal e ético.

A principal condenação que Wainer faz a Chateaubriand é o desprezo que este teria pelos seus funcionários. Para Samuel Wainer, sua característica basilar para nunca ter deixado de ser jornalista é que quando se tornou dono de jornal continuou a frequentar as oficinas e redações. Mesmo sendo patrão continuava repórter em tempo integral. Era costume ligar altas horas da madrugada com informações "quentes" que conseguia nos bares e boates que frequentava. Wainer sempre se orgulhou de ser o único dono de jornal que também era jornalista.

Ficava boa parte do tempo em minha sala - ali recebia quase diariamente ministros, embaixadores, políticos, empresários. Mas sempre encontrava meios de escapar para a redação, onde mantinha minha mesa, ao lado de Octávio Malta. Também visitava diariamente a oficina, empenhado em estimular meus gráficos a aumentarem a velocidade do trabalho e tentando compensar com meu entusiasmo a precariedade do equipamento. Frequentemente, ordenava modificações numa página, ou substituição de um título. Os operários da oficina não demoraram a entender que eu era do ramo. (WAINER, 1988, p.153)

Pollack (1992) defende que a memória é constituída por vários elementos: pessoas, personagens, acontecimentos, lugares e eventos. Além dessas diversas projeções, existem certos vestígios datados de memória - é aquilo que fica gravado como data precisa de um acontecimento. "Em função da experiência de uma pessoa, de

sua inscrição na vida pública, as datas da vida privada e da vida pública vão ser ora assimiladas, ora estritamente separadas, ora vão faltar no relato ou na biografia".⁹

Os relatos de Samuel Wainer são emblemáticos em reforçar a conceituação de Pollack (1992). Poucas são as citações referentes a eventos familiares em suas memórias, a data de nascimento de seus filhos, por exemplo, não são citadas. Em contrapartida, não faltam lembranças específicas e datadas relativas a acontecimentos de sua vida política e como jornalista. Há uma reconstrução política da biografia, e as datas públicas quase que se tornam privadas. "Ele fez questão de anunciar de viva voz que patrocinara a aventura iniciada a 18 de março de 1952: nesse dia o logotipo azul da *Última Hora* de São Paulo apareceu pela primeira vez nas bancas da cidade." (WAINER, 1988, p.161)

Wainer constrói sua memória de forma seletiva a partir do paradoxo esquecimento e lembrança reforçando a sua identidade de um jornalista presente na construção da história. Como reforça Pollack, "conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou a outro aspecto".¹⁰

4.2 Memória enquadrada

O conceito de memória enquadrada é definido por Pollack (1989) como um trabalho que deve satisfazer certas exigências de justificação, tendo limites e, portanto, não pode ser uma memória constituída arbitrariamente. É uma operação de interpretação do passado que se quer salvaguardar. São tentativas, mais ou menos conscientes, de definir e reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre diversas coletividades. Para adequar no que diz respeito às memórias individuais pode-se construir uma referência ao passado com objetivo de reafirmar a identidade.

Podemos analisar o discurso produzido por Samuel Wainer em torno do jornal *Última Hora* como pertencente a esses jogos de enquadramento memorável. Samuel Wainer, sem dúvida, foi um dos principais amplificadores da ideia central de *Última Hora* como o jornal mais renovador e inovador da imprensa brasileira. Wainer em suas

⁹ Disponível em: reviravoltadesing.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memória_e_identidade_social.pdf. Acesso em: 12 de fevereiro de 2014.

¹⁰ Disponível: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 12 de fevereiro de 2014.

memórias enfatiza muitos aspectos que tornaram seu jornal revolucionário, se colocando como a encarnação do periódico e estendendo para si as qualificações destinadas ao jornal.

Pela primeira vez na história da imprensa brasileira a foto colorida de um time de futebol saiu na primeira página de um jornal (...) a ousadia era uma característica da *Última Hora* tanto no plano da redação quanto na parte técnica. (WAINER, 1988, p.146)

O desejo de Wainer em se manter na história e se perpetuar na memória da imprensa brasileira como um personagem singular se cumpre através dos estudos, livros e artigos a cerca de sua trajetória de vida e do legado deixado por seu jornal. Muitos desses trabalhos ajudam a reforçar a mítica renovadora da *Última Hora* e a aura em torno da figura de Samuel Wainer.

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro.¹¹

As falas de Samuel Wainer procuram caracterizar a *Última Hora* como um jornal combativo e representativo das classes mais populares. Em paralelo, Wainer se define como um jornalista em tempo integral à frente deste jornal revolucionário. Em sua autobiografia, Wainer adapta seu próprio passado, assim como a história da *Última Hora*, os vinculando à imagem que forjou para si mesmo e para seu jornal. Segundo Pollack (1989), o jogo entre esse enquadramento de memória é também o sentido de identidade.

Em entrevista ao repórter Wianey Pinheiro, da *Folha de São Paulo*, em 14 de janeiro de 1979, Wainer faz uma digressão sobre sua importância para o jornalismo brasileiro que reforça a percepção de sua autoimagem como jornalista:

Na minha participação no jornalismo brasileiro, eu a considero importante por ter feito da minha profissão, o essencial, o fundamental, a base da minha vida. Por ter sido realmente um puro jornalista. Por ter procurado no jornalismo a satisfação de um talento natural que eu tinha, e não sei de onde vinha, porque sou um autodidata, sou da família de imigrantes pobres. Um jornalista, além de talento precisa de muito trabalho, em primeiro lugar. O talento só não basta. Ele precisa de muita vivência, ele tem que mergulhar realmente na vida, para poder transmiti-la, por que o jornalista não é um criador de fatos, ele é um transmissor e precisa saber ver. E saber ver é só vivendo. Muitas vezes no

¹¹ Disponível em: reviravoltadesing.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memória_e_identidade_social.pdf. Acesso em: 12 de fevereiro de 2014.

mesmo lugar que há três pessoas, acontece algo, só o jornalista vê. Além do seu talento natural, é preciso ter a paixão pela profissão. É fundamental no jornalismo. Tem que ser uma paixão como a de um "boxeur" que entra no ringue, mesmo sabendo que vai apanhar e gosta do seu "metier". (Grifos nossos).¹²

A declaração de Wainer é singular em ressaltar diversos aspectos de sua autoimagem. O memorialista declara ter vivido exclusivamente para o jornalismo e sua dedicação por tantos anos o coloca, então, como alguém capaz de aconselhar e identificar os fatores fundamentais para a formação de um bom jornalista. O depoimento, também, reforça sua paixão pela profissão. A entrevista faz parte de uma série chamada: "Jornalistas contam a História", e Wainer conta, a partir da sua participação no governo Vargas, como observou o vice-presidente Café Filho trair o presidente - fato que possivelmente contribuiu para o suicídio de Getúlio. As respostas de Wainer, decerto, procuravam reforçar sua posição como observador privilegiado, e até mesmo atuante, desta página da história brasileira.

Aí entra uma das histórias, um dos episódios mais importantes da História do Brasil e que eu tenho a impressão que, realmente, é conhecido por muito pouca gente {...} Getúlio me chamou para um canto para me pedir uma favor pessoal, porque eu era o único repórter que, o acompanhara, além de um repórter oficial da Agência Nacional. Com ar relativamente preocupado {...} ele me pediu que eu me aproximasse mais do Café Filho.¹³

Pollack (1989) defende que todo trabalho de enquadramento de memória tem seus atores profissionalizados, profissionais da história das diversas organizações de que são membros, clubes e células de reflexão. O exemplo do autor para a questão são as associações dos sobreviventes do campo de Auschevitz - Birkenau que escolhem determinadas pessoas para falarem em nome da associação, com a justificativa de serem guardiões da verdade. Esse trabalho de controle da imagem da associação implica uma oposição forte entre o subjetivo e o objetivo, ou seja, a reconstrução de fatos e as reações e sentimentos pessoais.

Comparando-se as associações com a *Última Hora* é possível notar semelhanças quanto a processos de escolha. Samuel Wainer, em suas memórias, escolhe determinados personagens - sendo ele próprio o principal - que seriam capazes de darem relatos unificados e que reforçariam significações do jornal. Moacir Werneck de Castro,

¹²Disponível em: http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria_10.htm. Acesso em: 20 de novembro de 2013.

¹³ Idem

Edmar Morel, João Etcheverry são alguns exemplos. Assim como os representantes das associações, são pessoas sóbrias e confiáveis aos olhos dos que os escutam. A imagem que se deseja transmitir pode, então, ser efetivada.

Existem memórias que sobrevivem ao desaparecimento de uma instituição ou grupo social o transformando em um mito. Depois do fim da *Última Hora*, as lembranças de Wainer e de outros profissionais que trabalharam no jornal ajudaram a reforçar o papel singular do periódico na história da imprensa brasileira. Assim como o próprio Samuel Wainer tornou-se uma referência na área do jornalismo de um profissional dedicado à profissão ao extremo. Cria-se em torno do jornalista e de seu jornal um idealismo à cerca de um modelo utópico da prática profissional.

Sua memória, contudo, pode sobreviver a seu desaparecimento, assumindo em geral a forma de um mito que, por não poder se ancorar na realidade política do momento, alimenta-se de referência culturais, literárias ou religiosas. O passado longínquo pode então se tornar promessa de futuro e, às vezes, definido lançado à ordem estabelecida.¹⁴

Pollack (1989) ao realizar entrevistas sucessivas, histórias de vida de longa duração, percebeu que os indivíduos voltam a um número restrito de assuntos em vários momentos. Há, então, um fio condutor, um núcleo resistente em cada história de vida.

Essas características de todas as histórias de vida sugerem que essas últimas devem ser consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade, e não apenas como relatos factuais. Por definição reconstrução a posteriori, a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência.¹⁵

O retorno de Wainer durante toda sua autobiografia a assuntos como a amizade com Getúlio Vargas, a paixão pelo jornalismo e pela *Última Hora* são características daquilo que Pollack (1989) identifica como instrumentos de reconstrução da identidade. Até mesmo a escolha do nome para seu livro, **Minha razão de viver** (1988), demonstra que na escala de importância da vida de Wainer o jornalismo e a *Última Hora* ocuparam o primeiro lugar.

Ainda que nesse sentido a identidade seja tratada na sua forma mais superficial, como sendo a imagem que o indivíduo constrói para si mesmo e a forma como deseja ser percebido pelos outros, a memória é de extrema importância para sustentar essa criação. A memória permite um sentimento de continuidade e coerência para um

¹⁴ Disponível em: reviravoltadesing.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf. Acesso em: 12 de fevereiro de 2014.

¹⁵ Disponível: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 12 de fevereiro de 2014.

indivíduo, é sua ancoragem social. Wainer, a partir de suas lembranças e esquecimentos, enquadra sua memória e reforça a sua autoimagem de jornalista apaixonado e presente na construção da história. Muitas são as falas do jornalista que representam essa posição: "Mais uma vez, nesse período eu teria a chance de ser, além de testemunha, um protagonista da História." (WAINER, 1988, p.215)

Pressenti, naquele instante, que chegara na hora certa ao local certo e ao homem certo: Getúlio Vargas estava precisando falar. Quase noventa minutos depois, eu tinha nas mãos uma entrevista que mudaria a história do país {...} eu pressentia que estávamos documentando um capítulo crucial da História do Brasil {...} essa situação, se me transformava num espectador privilegiadíssimo da História, também me criaria problemas. (WAINER, 1988, p.21 e 28)

Wainer foi um dos únicos jornalistas da época a perceber que Getúlio Vargas era um assunto em potencial. Como a imprensa em geral fazia um bloqueio para que o candidato à presidência não fosse citado nos jornais, Wainer foi acusado de trair os interesses nacionais.

Atingi a maioria como jornalista internacional ao longo do julgamento de Nuremberg, o histórico ajuste de contas entre a consciência jurídica mundial e os criminosos de guerra nazistas. Eu estava em Paris quando começaram os preparativos para a instalação do Tribunal de Nuremberg, e compreendi que não poderia perder tão fascinante oportunidade de ver a História sendo escrita {...} fui o único jornalista brasileiro a cobrir as sessões do Tribunal de Nuremberg. (WAINER, 1988, p.85)

A cobertura do Tribunal de Nuremberg fora restrita a apenas 450 correspondentes de guerra, sendo que cerca de 300 vagas eram destinadas a norte-americanos. Wainer conseguiu junto à embaixada dos Estados Unidos, usando de sua influência, a autorização para ser o único latino-americano a estar presente no julgamento. Quebrando o regulamento que não permitia entrevistas, o jornalista conseguiu uma declaração do segundo homem do Terceiro Reich - Karl Doenitz - como já citamos anteriormente.

Embarquei carregado de curiosidade. Sempre achei que é o mundo que está a espera do jornalista, não o contrário. Embarquei, também, com o pressentimento de que me ocorreriam coisas incomuns - um jornalista precisa viver na eterna expectativa de que pode viver situações que não ocorrem em outras profissões {...} Para um jovem profissional, nada poderia haver de mais emocionante que ver a História acontecendo diante de seus próprios olhos. (WAINER, 1988, p.91 e 94)

Samuel Wainer sempre faz questão de reforçar sua posição como jornalista em tempo integral, sempre à espera de algum acontecimento ou fato novo. Em suas

memórias conta que tinha o hábito de ligar para suas redações somente para perguntar se havia chegado uma carta, revelando que sempre imaginou que um dia receberia uma correspondência com alguma denúncia "bombástica".

O jornalismo não é uma função meramente objetiva, de observação. O jornalista não é um reprodutor e apenas um observador; é um criador, e pode até prever um acontecimento se for uma pessoa dentro do conceito da informação. Ele pode antecipar. Mas o fundamental nele, do jornalismo, como um fundamental de um jornal - Qual é o melhor jornal? - segundo o conceito clássico, é o que chega na frente... (WAINER *apud* ROUCHOU, 2004, p.50)

O conceito de Wainer para ser o melhor jornalista era estar sempre à frente de todos. O dono da *Última Hora* dedicava extrema importância ao "furo", para ele a melhor apuração era um fator secundário. O mais importante era ser o primeiro jornal a publicar a notícia, mesmo sem muitas informações, para depois, em uma suíte transmitir todos os detalhes à cerca do acontecimento.

Tudo que eu tinha deixava na *Última Hora*. *Última Hora* era o meu arquivo; a minha vida está dentro do meu jornal {...} Era cobertura integral. Não tinha mulher, não tinha bebidas; eu era o jornalista, com notícias. Eu era realmente um repórter. (WAINER *apud* ROUCHOU, 2004, p.67)

Wainer não acumulou um arquivo pessoal, apesar de revelar em sua autobiografia que muitos documentos confidenciais e de alta importância passaram por suas mãos, mas relata que depositou tudo no arquivo da *Última Hora*. Assim como todo o dinheiro escuso que recebia, seus arquivos também foram todos destinados ao seu jornal. Reforçando o fato de o jornalismo ser sua vida, e a *Última Hora* a razão de viver.

Porque o fundamental na vida de um jornalista é o assunto. A vida de um jornalista se compõe do assunto. Se ele tem o assunto e o assunto se entrega a ele, ele deve tirar desse assunto as últimas consequências. O jornalista que mata o seu assunto é um médico que mata o seu paciente. E o Getúlio era um grande assunto. O que não impediu que depois acabássemos nos tornando amigos.¹⁶

O jornalista, para Wainer, tem sempre que colocar a vocação da profissão acima de qualquer interesse ou convicção pessoal. Em suas memórias, o dono da *Última Hora* relata que seu primeiro entusiasmo em relação a Vargas foi pelo fato de ser um grande filão jornalístico pouco explorado no momento, a amizade veio em segundo plano. Em outra declaração, Wainer relata que se fosse preciso entrevistar Hitler ele faria. O jornalismo tem sempre que estar à frente.

¹⁶ Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista1015.pdf>. Acesso em: 12 de abril de 2014.

Pollack (1992) defende que depois do enquadramento da memória há o trabalho da própria memória. Depois que a memória está construída, ela por si só efetua sua manutenção, coerência, unidade, continuidade e organização. A memória de Wainer o levou, com o passar dos anos, a cumprir o seu desejo - servir de legado para inúmeros jovens jornalistas. A maior prova deste lugar de referência é que, até os dias atuais, mais de trinta anos após a sua morte, Wainer ainda inspira estudos sobre a sua trajetória profissional e história de vida. Como reforça Pollack (1992), "os investimentos do passado, por assim dizer, renderam juros".¹⁷

No decorrer do depoimento de Wainer existem algumas falas em que não se sente um jornalista completo. O dono da *Última Hora*, por vir de família pobre, não teve acesso a estudos mais aprofundados e seu nível cultural era inferior à de muitos de seus colegas de profissão. Carlos Lacerda (1978) caracterizava Samuel Wainer com o paradoxo de ser muito ignorante, mas muito inteligente. "Com um grande faro de repórter, com um talento de repórter realmente fora comum, capaz até de encobrir a sua ignorância que é monumental, quase enciclopédica." (LACERDA, 1978, p.123)

Samuel Wainer se considerava um autodidata, mas, paralelamente, tinha um complexo de inferioridade em relação a outros jornalistas que eram de seu convívio, por sentir que não tinha a mesma base cultural que os demais. A maioria das falas de Wainer registra o seu orgulho por ter conseguido chegar a ser dono de um jornal tão importante como a *Última Hora*, mesmo não pertencendo a nenhuma família tradicional de imprensa ou de grandes posses. Há, contudo, alguns momentos em que Wainer confessa não se sentir um jornalista completo. Essa autocrítica reflete o sentimento de inferioridade como também, um alto paradigma sobre seu conceito do que é ser um bom jornalista.

A necessidade de se autoafirmar como jornalista constantemente talvez seja reflexo desse sentimento de inferioridade confrontado com o desejo de pertencer a uma classe jornalística de excelência, idealizada pelo próprio Wainer. E, por isso, não se autorreferencia como um simples jornalista, mas um profissional dedicado e apaixonado por seu ofício tanto que o coloca como mais do que uma vocação, um sacerdócio.

Wainer, então, só se entende como um jornalista completo ao fim de sua vida, quando se torna colunista na *Folha de S. Paulo*. Chega a essa conclusão após terminar

¹⁷ Disponível em: http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf. Acesso em: 12 de fevereiro de 2014

de reunir suas memórias, observar sua trajetória e perceber que sua vida profissional o fez um personagem importante da história da imprensa brasileira.

Gostaria de enfatizar que, quando memória e identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam provocar a necessidade de se preceder a rearrumações, nem no nível da identidade coletiva, nem no nível da identidade individual.¹⁸

Somente quando memória e identidade trabalham juntas, e isso só acontece no fim da vida de Samuel Wainer, é que as preocupações com as próprias memória e identidade diminuem. É o que Pollack (1992) chama de períodos calmos. Assim como países de antiga tradição nacional precisam se preocupar menos com essas questões do que Estados nacionais mais recentes, Wainer não necessita mais estar sempre se autoafirmando como jornalista presente na história, pois a sua memória exteriorizada e fixada em lugares duradouros (livros, jornais, enfim, documentos) já falava por ele. Não há mais preocupações com os questionamentos de seus inimigos sobre como construiu sua carreira, pois a sua trajetória profissional é a prova de que foi essencialmente um bom jornalista.

¹⁸ Disponível em: http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf. Acesso em: 12 de fevereiro de 2014

5- Conclusão

As reflexões produzidas no decorrer dessa monografia permitem concluir que Samuel Wainer construiu para si uma memória, refletindo a autoimagem de jornalista em tempo integral que soube aproveitar de sua posição profissional e social para tornar-se observador privilegiado da história. As falas do jornalista reforçam essa construção. E a sua autobiografia funciona como define Barbosa (2007b) a partir de Nora (1986) um lugar de memória, reunindo as lembranças que convém serem evocadas e silenciando acontecimentos inoportunos. Dessa forma sintetiza a imagem que deseja perpetuar.

Samuel Wainer recebeu por parte de ex-funcionários, estudiosos de comunicação e admiradores de sua trajetória a marca de profissional renovador, revolucionário e preocupado com a valorização de um grupo ao qual fazia questão de em todo momento se filiar, o dos jornalistas. Ao longo deste trabalho descortinamos esse ideário e percebemos que muito de suas chamadas inovações foram, na verdade, releituras ou resgates de elementos já utilizados pela imprensa anteriormente. Wainer também não estava sozinho nas transformações que implantava em seu jornal, tendo sido parte de um grupo que tornou a década de 1950 um marco simbólico para um novo modo de fazer jornalismo.

Talvez o grande mérito de Samuel Wainer tenha sido a capacidade de juntar muitos elementos, alguns deles até mesmo paradoxais como a busca pela imparcialidade e a valorização do colonismo, em um único vespertino. *A Última Hora* de Samuel Wainer tornou-se, assim, um dos maiores e mais importantes jornais da história da imprensa brasileira. Wainer não possuía uma fórmula mágica para o sucesso, conquistou o equilíbrio a partir de muitas tentativas e erros, e claro, muito trabalho e dedicação.

A grande contribuição que Wainer legou aos jornalistas talvez tenha sido a valorização profissional. Provavelmente, não foi a intenção primeira do dono da *Última Hora* ao elevar os salários de seus funcionários, mas sim, apenas recrutar os melhores funcionários da época. Mas, com essa atitude, mesmo que indiretamente, conquistou seu desejo de não deixar sua trajetória como jornalista ser levada pelo esquecimento.

As falas de Wainer, principalmente em sua autobiografia, alcançaram muitos jovens jornalistas e fizeram com que muitos estudantes tivessem acesso à história de

vida de um profissional dedicado à sua profissão. Servindo de inspiração e motivação. O desejo do jornalista de transformar suas memórias em um legado se faz cumprir através dos estudos, artigos, reportagens e celebrações que contribuem para manter a memória de Samuel Wainer mesmo anos após a sua morte.

O presente estudo procurou mostrar que a construção de um discurso memorialístico nunca é uma transcrição exata de um passado presumido, mas sim algo construído seletivamente a partir de enquadramentos de lembranças e esquecimentos, realizados no presente, e que procuram reforçar a identidade imaginada pelo indivíduo. Estudar uma história de vida requer, portanto, muitos cuidados.

Os jogos de memória fazem com que os indivíduos, proposital ou inconscientemente, deixem de lado ou minimizem certos momentos de suas trajetórias e exaltem outros. É importante, também, estar atento aos silêncios e significados presentes em toda e qualquer fala.

Ainda que seja necessário fazer ressalvas e tomar certas precauções, as histórias de vida são importantes fontes históricas para o entendimento mais completo de uma época. Mas entendendo que a memória é um processo construído coletiva e socialmente, sendo mutável e flexível.

A questão central do trabalho foi, portanto, perceber como Samuel Wainer durante sua trajetória profissional, se incluiu, a partir de suas falas, na própria história. Wainer se preocupou em reforçar a sua posição como jornalista íntegro e dedicado e, em seus discursos, se valeu de suas importantes reportagens e de sua atuação como dono da *Última Hora* para que suas memórias não fossem jogadas ao limbo do esquecimento.

Wainer se orgulhava de sua atuação na história. Orgulhava-se também da influência junto a três Presidentes da República. E mais ainda da fundação de um importante jornal, a *Última Hora*. Era motivo de orgulho as grandes reportagens como: as coberturas do Tribunal de Nuremberg e da criação do Estado de Israel, além da canônica entrevista com Getúlio Vargas, transformando-o num jornalista fonte da história.

Todas essas memórias foram cuidadosamente agrupadas por Wainer a fim de que sua vida se mantivesse presente através da história. Paralelamente, o jornalista se valeu da seletividade da memória, com um processo de enquadramento com lembranças

e esquecimentos com objetivo de legitimar sua autoimagem de jornalista em tempo integral apaixonado por sua profissão.

As experiências vividas por Samuel Wainer e fixadas em seu relato podem ser pensadas como importante registro de complexos acontecimentos históricos da década de 1950. O ponto de vista torna-se ainda mais interessante por se tratar da observação de um jornalista. Assim, mais um dos desejos de Samuel Wainer estaria sendo realizado, pois, de fato, se tornou fonte da história.

Este trabalho procurou ser apenas uma possível leitura sobre a forma como a memória é construída e enquadrada dentro de um discurso memorialístico. De forma alguma pretende tornar essa conclusão um ponto final. Seu objetivo foi pensar algumas questões importantes sobre o mundo do jornalismo, abrindo o caminho para reflexões mais profundas no futuro.

6- Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Marialva. História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro, Mauad, 2007a, 262p.
- BARBOSA, Marialva. Memória: um passeio teórico. In: Percursos do olhar: Comunicação, Narrativa e Memória. Niterói, Editora UFF, 2007b, p.39-52.
- BARBOSA, Marialva. Imprensa, Poder e Público: Os diários do Rio de Janeiro – 1880-1920. Tese apresentada no Programa de Pós Graduação em História (PPGH-UFF). Orientador: Prof. Dr. Sonia Regina Mendonça, Niterói, 1996, 83-155p.
- BARBOSA, Marialva e RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Comunicação e História: um entre-lugar. In: BARBOSA, Marialva e RIBEIRO, Ana Paula Goulart (org). Comunicação e História: Partilhas teóricas. Florianópolis, Insular, 2011, 9-55p.
- BARBOSA, Marialva e RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional. In: Comunicação e Sociedade, Ciberativismo Latino-Americano. São Paulo, Editora Metodista, 2006, p.99-114.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa, Difel, 1989, 311p.
- CAMPOS, Anderson (org.). A Última de Samuel nos tempos de Wainer. Rio de Janeiro, ABI-Copim, 1993, 208p.
- DETENNE, Marcel. Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica. Tradução: Andréa Daher. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988, 73p.
- DULLES, John W. F. Carlos Lacerda: a vida de um lutador, volume 1: 1914-1960. Tradução: Vanda Mena Barreto de Andrade. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 3ªed., 1992, 512p.
- FREIRE, Eduardo Nunes. O design no jornal impresso diário. Do tipográfico ao digital. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.291-310, dez. 2009
- LACERDA, C. Depoimento. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987, 469p.
- LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Lacerda x Wainer: O corvo e o Bessarabiano. São Paulo, SENAC São Paulo, 2ªed., 1998, 245p.
- LOPES, Fernanda Lima. Ser jornalista no Brasil: identidade profissional e formação acadêmica. São Paulo, Paulus, 2013, 268p.
- MEDEIROS, Benício. A Rotativa Parou: os últimos dias da Última Hora de Samuel Wainer. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2009, 216p.

MORAIS, Fernando. Chatô: o rei do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1994, 732p.

MOREL, Edmar. Histórias de um repórter. Rio de Janeiro, Record, 1999, 286p.

REIS, Flavia Florentino Marcondes dos. Jornalismo e História: fonte, memória e interdisciplinaridade. Monografia em Jornalismo. Orientadora: Ana Paula Goulart Ribeiro. Rio de Janeiro, ECO/UFRJ, 2007, p.54.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Imprensa e História no Rio de Janeiro dos Anos 50. Rio de Janeiro, E-papers, 2007, 362p.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Velhos jornalistas: memória, velhice e identidade profissional. In: Construções do tempo e do outro: representações e discursos midiáticos sobre a alteridade. Rio de Janeiro, Mauad X, 2006, p.181-206.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. São Paulo, Editora Unicamp, 2007, 535p.

ROUCHOU, Joëlle. Samuel: duas vozes de Wainer. Rio de Janeiro, UniverCidade Editora, 2ºed., 2004, 209p.

SOUZA, Rivadavia de. Botando os pingos nos is: As inverdades nas memórias de Samuel Wainer. Rio de Janeiro, Record, 1989, 172p.

WAINER, Samuel. Minha Razão de Viver: memórias de um repórter. Rio de Janeiro, Record, 1988, 282p.

Websites:

Artigos:

POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, 1989.
Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, 1992.
Disponível em: http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf.

BARBOSA, Marialva e RIBEIRO, Ana Paula Goulart. .O que a história pode legar aos estudos de jornalismo. Intercom, 2005.
Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1900-1.pdf>

BASTOS, Izamara. A imprensa no Rio de Janeiro da Belle Époque. Encontro Alcar, 2008.

Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/A%20Imprensa%20no%20Rio%20de%20Janeiro%20da%20Belle%20Epoque.pdf>

Debates e Entrevistas:

Debate: Última Hora - 60 anos, Os Sobreviventes, realizada no Auditório Oscar Guanabara da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) em 15 de julho de 2011.

Disponível em: <http://www.abi.org.br/abi-celebra-o-jornal-ultima-hora/>

Depoimento de Samuel Wainer à Folha de São Paulo: Por que Café Filho traiu Getúlio? Realizada em 14 de janeiro de 1979.

Disponível em: http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria_10.htm

Entrevista de Samuel Wainer ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC).

Disponível em: cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/samuel_wainer

7-Anexos

Anexo I:

<i>Número de jornais diários</i>						
Ano	Brasil			Rio de Janeiro		
	Total	Matutinos	Vespertinos	Total	Matutinos	Vespertinos
1950	253	-	-	-	-	-
1951	243	-	-	-	-	-
1952	-	-	-	30	-	-
1953	254	-	-	29	-	-
1954	261	-	-	26	-	-
1955	235	-	-	20	-	-
1956	246	-	-	22	-	-
1957	290	201	89	18	12	6
1958	268	192	76	19	13	6
1959	256	184	68	18	13	5
1960	241	174	67	18	13	5

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, IBGE (de 1950 a 1960) *apud* RIBEIRO, 2007, p.57-58.

<i>Principais jornais cariocas dos anos 50</i>	
Matutinos	Vespertinos
Jornal do Brasil	Última Hora
O Dia	O Globo
O Jornal	A Notícia
Diário Carioca	Diário da Noite
Correio da Manhã	Tribuna da Imprensa
Diário de Notícias	A Noite
Luta	
Democrática	

Fonte: RIBEIRO, 2007, p.59

<i>Posição política dos jornais - 1954</i>			
A favor do governo	Contra o governo	Neutros	Partidários
A Noite	Correio da Manhã	O Jornal	Imprensa Popular
Última Hora	Diário Carioca	Diário da Noite	
Correio da Noite	Diário de Notícias	O Globo	
O Radical	O Dia		
	O Popular		
	O Mundo		
	A Notícia		
	Tribuna da Imprensa		

Fonte: Anuário Brasileiro de Imprensa, 1954:100 *apud* RIBEIRO, 2007, p.61

<i>Tiragem dos matutinos cariocas (em mil exemplares)</i>							
Jornais/Ano	1951	1952	1953	1954	1955	1958	1960
Diário Carioca	45	35	40	40	40	17	17
Jornal do Brasil	60	70	45	40	40	57	59
Correio da Manhã	56	70	70	72	72	57	53
O Dia	-	60	90	90	115	240	230
Jornal do Commercio	33	60	20	32	32	?	?
O Jornal	70	60	60	60	60	?	27
Diário de Notícias	64	55	63	?	54	47	47
Luta Democrática	-	-	-	20	30	117	130

Fonte: Anuário Brasileiro de Imprensa (de 1950 a 1957) e Anuário de Imprensa, Rádio e Televisão (de 1958 a 1960), *apud* RIBEIRO, 2007, p.60.

<i>Tiragem dos vespertinos cariocas (em mil exemplares)</i>							
Jornais/Ano	1951	1952	1953	1954	1955	1958	1960
Última Hora	-	70	85	92	92	105	117
Tribuna da Imprensa	30	25	25	40	40	24	18
O Globo	100	120	100	110	110	187	218
A Notícia	120	130	130	95	60	58	56
Diário da Noite	95	129	88	75	90	70	40

Fonte: Anuário Brasileiro de Imprensa (de 1950 a 1957) e Anuário de Imprensa, Rádio e Televisão (de 1958 a 1960), *apud* RIBEIRO, 2007, p.60.

Anexo II:



Fonte: <http://caminhosdojornalismo.files.wordpress.com/2011/05/jb-reforma1.jpg>, edição de 1/01/1960.



10 de fevereiro de 1961

Fonte: <http://www.scielo.br/img/revistas/nec/n78/12f4.jpg>, edição de 10/02/1961.



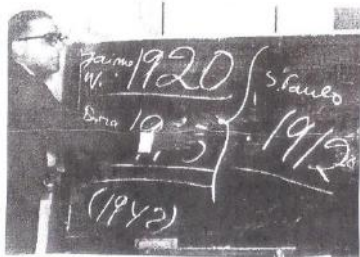
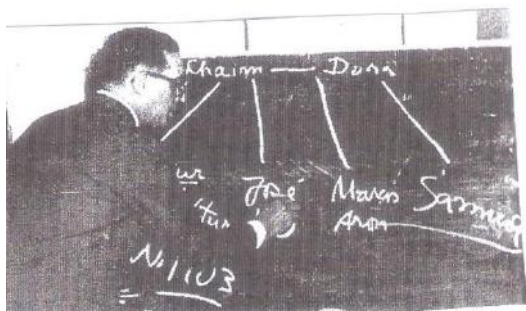
Setas e cores organizando o espaço e direcionam o olhar do leitor. Associando manchete com foto, fotos com fotos e foto com legenda. (1953)

Fonte: http://mlb-s2-p.mlstatic.com/jornal-ultima-hora-n-461-1953-13727-MLB4000276601_032013-F.jpg



Fonte: <http://quepaiseesteolivro.files.wordpress.com/2010/06/vargas.jpg>.

Anexo III:



Carlos Lacerda na TV Tupi tentando provar que Wainer não era brasileiro.

Fonte: RIBEIRO, 2007, p.139-140



Carlos Lacerda na CPI da Última Hora. Ao seu lado, sentados: Ulisses Guimarães, José Maria Alkimin e Armando Falcão.

Fonte: RIBEIRO, 2007, p.138.



Horácio de Carvalho depõe na CPI da Última Hora.

Fonte: RIBEIRO, 2007, p.138



Com um exemplar de Última Hora em mãos, Samuel Wainer se defende na CPI da Câmara.

Wainer se defende sobre a questão da nacionalidade na CPI Última Hora

Fonte: <http://www.scielo.br/img/revistas/ea/v28n80/a07f2.jpg>

Anexo IV:



Fonte: <http://www.artes.com/lan/images/polit06.jpg>



FIG. 2 - Hilde Weber. "Daqui não saio".
Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 13/08/1954.

Fonte: <http://ladyscomics.com.br/wp-content/uploads/2011/03/a07fig02.gif>

Anexo V:



Getúlio no dia anterior ao suicídio pede para Wainer publicar o seguinte recado: Só morto sairei do Catete.

Fonte: <http://www.portalestivagerbi.com.br/novasnoticias/images/24082013/blog-1954-uh.png>.

"ULTIMA HORA" HAVIA ADIANTADO, ONTEM, O TRÁGICO PROPÓSITO

MATOU-SE VARGAS!

EXTRA

TIRAGEM: 120.220 de AHO IV — Rua de Janeiro, 24 de Agosto de 1954 — N. 979

2
CRUZEIRO

Última Hora

Director-Responsável:
DANTON GELHO

Fundador:
SAMUEL WAINER

Director-Superintendente:
L. F. BOGAYUVA GUNHA

O PRESIDENTE CUMPRIU A PALAVRA:



"SÓ MORTO SAIREI DO CATETE!"

**AS 8,30 HS. DA MANHÃ DE HOJE O MAIOR
LIDER POPULAR QUE O POVO BRASI-
LEIRO JÁ CONHECEU ENCERROU DE MO-
DO DRAMÁTICO SUA GRANDE VIDA**

**UM TIRO NO CORAÇÃO — O GENERAL
CAIADO AINDA ENCONTROU COM VIDA O
PRESIDENTE — DESOLAÇÃO NO CATETE**

Neste nefasto Dia de São Bartolomeu, precisamente às 8,35 horas, praticou o suicídio o Presidente Getúlio Vargas, com um tiro de revólver no coração, quando se encontrava em seu quarto particular, no 3.º andar do Palácio do Catete.

O General Celado da Costa, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, correu para os aposentos presidenciais, ao ouvir o disparo, e ainda encontrou o Presidente Vargas agonizante. Chamou às pressas a assistência pública, que dentro de cinco minutos já se encontrava no Palácio do Catete.

Mas o grande Presidente Getúlio Vargas já estava morto. Não pode ser descrito o ambiente no Palácio Presidencial. Tudo é consternação. Membros da família do Presidente, servilistas, militares que guarnecem o Palácio choram a morte do Insigne brasileiro.

**A Mensagem Que Vargas Deixou Pouco
Antes de Desfechar Contra o Peito o
Tiro Fatal: "A SANHA DOS MEUS
INIMIGOS DEIXO O LEGADO DE
MINHA MORTE. LEVO O PEZAR DE
NÃO TER PODIDO FAZER PELOS
HUMILDES TUDO AQUILO QUE EU
DESEJAVA."**

O povo em massa acorre para o Palácio do Catete, estando repletas as ruas que dão acesso à casa em que se matou, vítima da ignomínia e das campanhas infamantes de adversários rasteiros, o maior estadista que o Brasil teve, neste século. Cenas de profunda dor estão sendo assistidas na rua. Lê-se o pesar no rosto do povo. O povo brasileiro chora a perda do seu Presidente, por ele escolhido, por ele eleito e que — na crise gerada por seus inimigos — só saiu do Catete morto.

No dia da morte do então presidente Vargas a Última Hora vende, segundo Wainer, cerca de 800 mil exemplares.

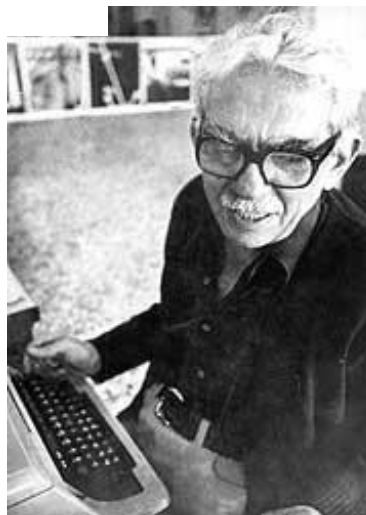
Fonte: <http://lerantesdemorrer.files.wordpress.com/2011/08/ultima-hora.jpg>.

Anexos Complementares:

1



2



Samuel Wainer.

Fonte:

1) 2.bp.blogspot.com/gTd2IYKcNY/UDuWXViSnhI/AAAAAAAAAB1o/sAuEChFdjq8/s640/Samuel+Wainer.jpg

2) www.algosobre.com.br/images/stories/assuntos/biografias/Samuel%20Wainer.jpg



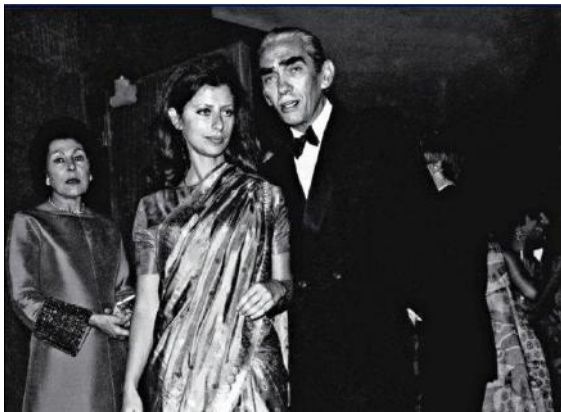
Samuel Wainer junto à rotativa no dia da inauguração da Última Hora.

Fonte: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoria/images/foto_1.png



Samuel Wainer folheando a primeira impressão da Última Hora

Fonte: http://www.abi.org.br/wp-content/uploads/images/fotos/UH_samuel.jpg



Samuel Wainer e Danusa Leão.

Fonte: http://www.gazetadopovo.com.br/midia/tn_620_600_ultima_hora.jpg



Samuel Wainer e Getúlio Vargas

Fonte: <http://media.sul21.com.br/jornal/2011/09/Samuel-Wainer-e-Get%C3%BAlio-Vargas.jpg>